



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ- REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

**UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS DE
OBRAS DO GÊNERO NOIR E MELODRAMA**

**Uma análise intersemiótica de obras literárias e cinematográficas do gênero
melodrama**

Área do conhecimento: Letras, Linguística e Artes

Subárea do conhecimento: Letras

Especialidade do conhecimento: Literatura e Outras Artes

Relatório Final

Período da bolsa: Setembro de 2024 a Agosto de 2025

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica PICVOL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ- REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DE PESQUISA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. OBJETIVOS.....	4
3. METODOLOGIA	4
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	7
5. CONCLUSÕES	9
6. PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS.....	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	11
OUTRAS ATIVIDADES.....	12
APÊNDICE I	

1. INTRODUÇÃO

Com o propósito de documentar as atividades realizadas e os resultados obtidos de setembro de 2024 a agosto de 2025, este relatório apresenta um estudo focado na análise intersemiótica de romances e filmes do gênero melodrama, sob o plano de trabalho “Uma análise intersemiótica de obras literárias e cinematográficas do gênero melodrama”. O projeto se propõe a investigar a forma como as linguagens literária e cinematográfica se conectam na construção de sentido, levando em conta as peculiaridades de cada meio e as estratégias de narrativa utilizadas. A análise busca compreender como as características do melodrama, a exemplo da representação das emoções intensas, dos conflitos entre personagens e da sua própria construção, são transpostas de uma linguagem para a outra e de que maneira essas mudanças influenciam a forma como a obra é recebida e interpretada.

Considerando a relevância do melodrama como forma de expressão que transcende as fronteiras do gênero, tanto na literatura quanto no cinema, este estudo propõe investigar, sob uma abordagem interdisciplinar, a relação entre essas duas linguagens artísticas. O trabalho concentra-se na análise comparativa de obras significativas, como o romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, publicado em 2016 pela escritora brasileira Martha Batalha, e sua adaptação cinematográfica dirigida por Karim Aïnouz, lançada em 2019. Também integra o corpus o romance *Amar foi minha ruína*, escrito pelo norte-americano Ben Ames Williams em 1919, e sua versão fílmica homônima, dirigida por John M. Stahl em 1945.

Para a realização da análise comparativa, foi delimitado um recorte temático a partir de uma revisão bibliográfica detalhada. A estrutura teórica adotada forneceu os elementos para a interpretação das obras nas linguagens literária e cinematográfica, aprofundando o entendimento das especificidades do gênero melodrama, suas características e o contexto de produção. Adicionalmente, foram incorporados conceitos da teoria da adaptação, com base nas contribuições de Linda Hutcheon. Esse referencial mostrou-se fundamental para compreender as modificações narrativas decorrentes da transposição entre literatura e cinema, permitindo ainda analisar as influências que as singularidades de cada meio exercem sobre a recepção e a reestruturação das narrativas.

2. OBJETIVOS

Sob a ótica intersemiótica, esta pesquisa buscou compreender as transformações narrativas no processo de adaptação de obras literárias para o cinema, destacando as especificidades de cada linguagem e os efeitos de sentido resultantes dessa transposição. Para isso, foram analisados o romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, e sua adaptação cinematográfica *A vida invisível*, dirigida por Karim Aïnouz em 2019, assim como o romance *Amar foi minha ruína* (1919), de Ben Ames Williams, e sua versão fílmica homônima, dirigida por John M. Stahl em 1945.

Visando atingir o objetivo geral do plano de trabalho, a análise comparativa das obras foi conduzida com base em um levantamento bibliográfico fundamentado nos conceitos de tradução intersemiótica e teoria da adaptação, que possibilitaram analisar os processos de transposição entre os meios. A pesquisa concentrou-se em identificar as características fundamentais do melodrama na literatura e no cinema, a fim de comparar suas estruturas narrativas e destacar suas similaridades e diferenças. Essa abordagem permitiu, ainda, compreender as motivações por trás das escolhas realizadas nas adaptações, indo além da mera identificação de elementos.

3. METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, como etapa inicial, conduziu-se um levantamento bibliográfico que sustentou teoricamente a análise. Este levantamento abrangeu não apenas obras previamente estudadas, as quais foram fundamentais para a contextualização e caracterização do gênero melodrama no cinema e na literatura, mas também os textos centrais desta investigação. Além disso, foram incorporados aportes teóricos das áreas de literatura, cinema e tradução intersemiótica com o propósito de fornecer um embasamento conceitual sólido para a análise comparativa entre linguagens artísticas. Assim, o conjunto de referências selecionadas possibilitou um aprofundamento na compreensão dos gêneros abordados e dos processos envolvidos na transposição narrativa entre os meios literário e cinematográfico.

Considerando a ordenação e classificação prévias do corpo bibliográfico, o estágio seguinte consistiu na elaboração de um cronograma detalhado para a leitura, fichamento e análise das referências, de modo a assegurar o cumprimento dos objetivos da pesquisa. Esta fase contemplou, igualmente, a revisão e a reinterpretação de fundamentos teóricos indispensáveis à consolidação e

ao avanço do estudo. Ademais, estabeleceram-se critérios de priorização das leituras, a fim de garantir a análise oportuna das obras de maior relevância. Tal organização mostrou-se fundamental para a otimização do fluxo de trabalho e para a construção de uma articulação mais consistente entre o referencial teórico e o objeto investigado.

Na etapa inicial, procedeu-se ao estudo aprofundado do gênero melodrama, com ênfase nos seus aspectos estruturais, temáticos e estilísticos, buscando compreender suas especificidades tanto no âmbito literário quanto no cinematográfico. Paralelamente, foram retomados conceitos essenciais da teoria da tradução intersemiótica, com o propósito de consolidar um referencial teórico robusto para a análise comparativa entre distintas linguagens artísticas e para a elucidação dos processos de transposição narrativa. Assim, a delimitação do objeto analítico ao melodrama não apenas assegura a continuidade da linha de pesquisa estabelecida, mas também representa um avanço que permite explorar de forma mais aprofundada as particularidades desse gênero.

Uma vez finalizado o estudo preliminar do gênero abordado, o processo de revisão bibliográfica foi concluído mediante a retomada de obras fundamentais acerca da tradução intersemiótica. Desta forma, o propósito desta fase consistiu em aprofundar e esclarecer conceitos essenciais para fundamentar as análises comparativas entre as obras investigadas, especialmente no que tange aos processos de transposição narrativa entre distintos sistemas semióticos. Neste contexto, selecionaram-se obras-chave que tratam das teorias da tradução e da adaptação, as quais forneceram o embasamento necessário para a construção teórica da pesquisa. Assim, a análise dessas referências permitiu consolidar um suporte conceitual sólido para o desenvolvimento metodológico e para a compreensão das relações intersemióticas presentes nos textos analisados.

As análises das obras literárias e cinematográficas foram realizadas com o apoio de um conjunto diversificado de textos teóricos que abarcaram tanto a teoria da literatura quanto a teoria do cinema. No âmbito literário, a pesquisa fundamentou-se em estudos voltados para a análise estrutural das obras, buscando compreender os mecanismos narrativos, a construção dos personagens e a dinâmica interna dos textos. Já na dimensão cinematográfica, foram considerados autores que abordam a linguagem do cinema, suas especificidades formais e narrativas, além dos recursos visuais e sonoros que contribuem para a construção do sentido.

Com este embasamento teórico, adotou-se uma abordagem metodológica que compreendeu o exame das especificidades das linguagens literária e audiovisual, capaz de identificar as particularidades de cada obra e, ao mesmo tempo, estabelecer conexões entre os diferentes códigos

e estratégias narrativas presentes no romance e no filme. Esta metodologia possibilitou uma análise integrada que considera tanto as singularidades de cada meio quanto as transformações decorrentes do processo adaptativo. Desta forma, o referencial bibliográfico adotado proporcionou os instrumentos teóricos necessários para uma investigação aprofundada dos elementos dramáticos e estéticos das obras em questão.

Na sequência da pesquisa, realizou-se uma análise comparativa entre o romance *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão, de Martha Batalha, e sua adaptação cinematográfica dirigida por Karim Aïnouz. Para tanto, procedeu-se inicialmente a uma releitura da obra literária, ambientada no Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1960, cuja estrutura narrativa linear acompanha a trajetória das irmãs Eurídice e Guida. Sobre esta fundamentação, foram analisados os aspectos formais e narrativos do romance, com especial atenção aos elementos característicos do melodrama. Por meio desta abordagem, foi possível compreender como a narrativa articula conflitos emocionais e sociais, especialmente aqueles vividos pelas personagens femininas diante das limitações impostas pelo contexto histórico e cultural.

De modo complementar, considerou-se, com base neste entendimento, o papel do melodrama como uma forma de revelar tensões sociais invisíveis e dar espaço a experiências que muitas vezes são silenciadas. A análise fílmica, por sua vez, buscou compreender como essas questões se manifestam na linguagem cinematográfica, por meio de escolhas visuais, sonoras e estéticas que se relacionam diretamente com o gênero melodramático. Para isso, foram observadas cenas que reforçam o sentimento de exclusão e apagamento das personagens, assim como o uso do espaço doméstico, da composição dos enquadramentos e da trilha sonora na criação de uma atmosfera simultaneamente sensível e crítica.

Por fim, a etapa final do projeto dedicou-se à análise do romance *Amar Foi Minha Ruína*, do autor norte-americano Ben Ames Williams, e de sua adaptação cinematográfica dirigida por John M. Stahl, com o propósito principal de investigar a presença e os desdobramentos dos elementos típicos do melodrama em ambas as obras. Visando esse propósito, adotou-se uma abordagem metodológica que compreendeu o estudo das especificidades das linguagens literária e audiovisual, fundamentada no referencial teórico desenvolvido ao longo da pesquisa. Inicialmente, procedeu-se à análise individual de cada obra, considerando seus aspectos narrativos, estéticos e temáticos, com destaque para as maneiras pelas quais o melodrama constrói conflitos emocionais e sociais, especialmente na representação das personagens femininas e das suas relações.

Na análise do filme, identificaram-se traços do gênero Noir, tais como a ambientação e elementos visuais que reforçam a atmosfera narrativa. Com base nessas análises individuais, procedeu-se à comparação entre o romance e a adaptação cinematográfica, com ênfase nas estratégias utilizadas para traduzir os elementos centrais do melodrama em suas respectivas linguagens. A metodologia contemplou a seleção de cenas e trechos significativos, além da análise dos recursos formais, incluindo a construção narrativa, a caracterização das personagens e a composição dos espaços. Desta maneira, foi possível compreender como ambas as versões articulam a complexidade das experiências femininas e as tensões sociais presentes na obra.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no exposto, elaborou-se um arquivo composto por textos científicos e imagens para fins de estudo e problematização, que estão dispostos em um artigo presente no Apêndice I. Neste, desenvolve-se uma análise detalhada das obras, destacando as conexões e os pontos de convergência entre as mesmas. A discussão central deste texto volta-se ao gênero melodrama, contemplando suas manifestações e particularidades tanto na literatura quanto em sua adaptação para o meio cinematográfico. De modo complementar, o artigo analisa o processo de tradução intersemiótica, considerando a maneira como a narrativa é reconfigurada e transformada na transposição de um meio para outro, bem como as implicações dessas escolhas para a experiência artística e para a interpretação do público.

A estrutura do artigo é composta por oito seções principais, além de uma introdução e de uma conclusão que encerram a análise. Inicialmente, o estudo apresenta uma fundamentação teórica acerca da análise literária, que serve de suporte para a investigação subsequente dos dois romances selecionados. Esta fundamentação está segmentada em subcapítulos que abordam diferentes dimensões temáticas, estilísticas e narrativas das obras, proporcionando uma compreensão dos elementos essenciais à análise crítica. Tal organização assegura uma abordagem que prepara o leitor para o confronto teórico e analítico com as adaptações cinematográficas.

Na sequência, o artigo dedica-se à fundamentação teórica acerca da adaptação fílmica, que estabelece os conceitos e parâmetros essenciais para compreender o processo de transposição das narrativas literárias para o meio audiovisual. Esta seção está organizada em subcapítulos que exploram temas como a especificidade do gênero melodrama no cinema e as estratégias formais

empregadas nas adaptações trabalhadas. Posteriormente, desenvolvem-se as análises das adaptações fílmicas, divididas em subcapítulos que abordam aspectos como a fidelidade narrativa, a composição estética, os recursos técnicos e as relações temáticas com o gênero melodrama. Por meio de tal segmentação, tornou-se possível conduzir uma análise abrangente das obras cinematográficas, a qual abarcou as múltiplas dimensões que caracterizam seus aspectos narrativos, estéticos e técnicos.

No que tange à análise do romance “Amar foi minha ruína” e sua adaptação cinematográfica, observou-se um elevado grau de fidelidade narrativa entre as obras, evidenciando que a transposição para o meio audiovisual manteve de forma bastante próxima a estrutura e a linearidade da narrativa literária. Diferentemente de adaptações que promovem múltiplas interpretações ou perspectivas divergentes, esta adaptação preservou a essência e o desenvolvimento cronológico da história, realizando apenas as adequações necessárias para a caracterização visual e temporal própria do cinema. Assim, a obra adaptada demonstra que a fidelidade pode se manifestar por meio da preservação rigorosa do enredo original, evidenciando uma continuidade interpretativa que favorece a coerência narrativa e a fidelização do público ao texto base.

De forma geral, os exemplos analisados corroboram a premissa de que a adaptação não pode ser concebida como simples reprodução, mas como um processo complexo que envolve múltiplas camadas interpretativas e criativas. Este entendimento reforça a relevância do estudo das transformações narrativas inerentes à tradução intersemiótica, sobretudo no que diz respeito ao gênero melodrama, cuja riqueza expressiva e ambivalência temática demandam abordagens que considerem suas especificidades tanto na literatura quanto no cinema. Nesse sentido, a pesquisa contribui para aprofundar a compreensão das dinâmicas adaptativas, enfatizando a importância do diálogo entre os meios e das liberdades criativas presentes no ato da adaptação.

Este estudo conclui destacando as contribuições teóricas e críticas que surgem da comparação entre obras literárias e suas adaptações para o cinema. Enfatiza a importância da abordagem intersemiótica para entender como as histórias e os aspectos visuais se transformam entre os dois meios. Na conclusão, reforça-se a relação complexa entre literatura e cinema, mostrando que é fundamental uma visão integrada que leve em conta as características próprias de cada formato e os diálogos que eles estabelecem. Portanto, este relatório organiza os resultados e discussões do artigo, contribuindo para o aprofundamento dos estudos sobre adaptação, melodrama

e tradução intersemiótica.

5. CONCLUSÕES

A presente pesquisa evidenciou a complexidade intrínseca ao processo adaptativo entre os campos literário e cinematográfico, destacando que a tradução intersemiótica ultrapassa a simples transposição de signos linguísticos, envolvendo recontextualizações, releituras e reinterpretações de caráter criativo. As análises das adaptações dos romances *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* e *Amar foi minha ruína* demonstram que a transposição fílmica implica uma reinterpretação da narrativa original, adequando-a a um novo público e a um contexto distinto. Embora as obras literárias e suas versões cinematográficas compartilhem a mesma trama central, as diferentes modalidades de enunciação e representação favorecem a emergência de perspectivas interpretativas diversas. Desta forma, a adaptação audiovisual contribui para a ampliação da compreensão da obra, revelando a pluralidade e complexidade inerentes ao processo narrativo.

De modo amplo, os exemplos analisados corroboram a compreensão de que a adaptação transcende a mera reprodução, configurando-se como um processo complexo que articula múltiplas camadas interpretativas e criativas. Tal perspectiva reforça a importância do estudo das transformações narrativas e estéticas próprias à tradução intersemiótica, especialmente no contexto do gênero melodrama, cuja expressividade e ambivalência temática exigem abordagens que valorizem suas particularidades tanto na literatura quanto no cinema. Em decorrência disto, a presente pesquisa contribui para o aprofundamento da compreensão das dinâmicas adaptativas, reforçando a relevância do diálogo entre os meios e a presença de liberdade criativa no processo de adaptação.

6. PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS

Este estudo almeja contribuir para o avanço dos debates acerca da tradução intersemiótica e do gênero melodrama, destacando tanto as potencialidades quanto os desafios inerentes ao processo de transposição entre os campos literário e cinematográfico. Em continuidade a esse esforço, pretende-se fomentar investigações futuras que abranjam outras obras e contextos, ampliando o escopo de análise das estratégias adaptativas e aprofundando a compreensão das suas repercussões na recepção e interpretação das narrativas melodramáticas em distintas mídias. Logo,

espera-se consolidar um campo de pesquisa que dialogue de maneira mais ampla com as transformações culturais e estéticas promovidas pelas adaptações intersemióticas.

Considerando que este estudo se insere em um campo já parcialmente explorado, mas com foco renovado no gênero melodrama, espera-se que ele contribua para a consolidação de uma linha de pesquisa em expansão no âmbito da literatura e da adaptação cinematográfica. O diálogo entre essas duas manifestações culturais revela-se proveitoso, uma vez que possibilita a análise de processos complexos de tradução intersemiótica que enriquecem tanto a compreensão literária quanto a cinematográfica. Dessa forma, vislumbra-se a ampliação do interesse acadêmico sobre as múltiplas intersecções entre narrativa, estética e contexto cultural que o melodrama oferece em suas diferentes formas.

Além disso, dada a natureza interdisciplinar do tema, este trabalho abre caminhos para abordagens inovadoras que podem dialogar com campos como estudos culturais, teoria do cinema, semiótica e a sociologia. Não se espera que esta linha de investigação permaneça restrita a um círculo limitado, mas que se perpetue e se diversifique, fortalecendo a análise crítica sobre as adaptações e incentivando o surgimento de novas metodologias e perspectivas. Tal expansão reafirma a relevância do estudo da adaptação como campo dinâmico e integrador, capaz de aproximar teorias e práticas de diferentes áreas do conhecimento em benefício da compreensão das narrativas melodramáticas nas múltiplas mídias contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

BARIĆ, Tea. **The Representations of Femme Fatale in Literature and Movies: a Feminist Phenomenon or a Sexual Object?**. 2017. Tese de Doutorado. Josip Juraj Strossmayer University of Osijek. Faculty of Humanities and Social Sciences.

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Priscila Pereira; DIAS, Carlos Alberto. DIREITO E SEXUALIDADE: EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA AO LONGO DO SÉCULO XX. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 22, n. 1, 2011.

FLUECKIGER, Barbara. Color and subjectivity in film. In: **Subjectivity across Media**. Routledge, 2016. p. 145-161.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GAUDREAULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora da UnB, 2009.

HUPPES, Ivete. **Melodrama: O gênero e sua permanência**. 1. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e realidade**, v. 33, n. 01, p. 81-97, 2008.

LOPES, Denilson. Cinema e gênero. **MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, p. 379-393, 2006.

LUDWIG, Paula Fernanda. **Como se cria um vilão? Rumores e intrigas entre teatro e literatura do melodrama à dramaturgia brasileira no século XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, Santa Maria, 2012.

MACHADO, Gabriella Gonçalves. **Mulheres de vida invisível e o sacrifício de si por “amor”: uma análise da obra A Vida Invisível de Eurídice Gusmão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). UFU, Uberlândia, 2023.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. editora Cultrix, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PÉREZ, Francisco Javier Sánchez-Verdejo; BARRIENTOS-BÁEZ, Almudena; DOMÍNGUEZ, David Caldevilla. El mito de la femme fatale: El paso de la literatura al cine, o la subyugación irremediable del hombre. In: **Unidos por la comunicación: Libro de Actas del Congreso**

Internacional Latina de Comunicación Social 2020. Historia de los Sistemas Informativos (HISIN), 2020. p. 294.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

SALVATORE, D’Onofrio. **Forma e sentido do texto literário.** Ática, 2007.

STREET, Sarah. “Consciência das cores”: Natalie Kalmus e o technicolor na Grã-Bretanha. **Revista Laika**, v. 2, n. 3, p. 42-79, 2013.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama.** Tradução de Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

VANOYE, Francis & GOILOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica.** Campinas: Papirus, 2002. 2ª edição.

XAVIER, Ismail. Melodrama ou a sedução da moral negociada. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 57, n. 1, p. 81-90, 2000.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

A VIDA INVISÍVEL. Direção: Karim Aïnouz. Produção: Canal Brasil; Pola Pandora Filmproduktions; RT Features; Sony Pictures. Brasil; Alemanha: Globo Filmes, 2019. (139 minutos).

LEAVE HER TO HEAVEN. Direção: John M. Stahl. Produção: William A. Bacher; Darryl F. Zanuck. Estados Unidos: Twentieth Century-Fox Film Corp., 1945. (110 minutos).

OUTRAS ATIVIDADES

Durante o período de 9 a 13 de dezembro de 2024, participou como ouvinte do 34º Encontro de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe (34º EIC), evento integrante do programa de extensão X SEMAC;

No mesmo período, também esteve presente, na condição de ouvinte, no curso oferecido pela X SEMAC intitulado “A experiência na Iniciação Científica e sua contribuição para a pós-graduação”, além de integrar como ouvinte o projeto “Letramento e ensino de argumentação emancipadora”, ambos promovidos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS);

Em 31 de janeiro de 2025, participou como ouvinte do evento “Literatura, cinema e autobiografia feminina: *Paixão Simples* (1991), de Annie Ernaux e sua adaptação cinematográfica *Pura Paixão* (2021), de Danielle Arbid”, realizado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS);

Durante os dias 18 a 25 de fevereiro de 2025, participou, também como ouvinte, do curso de extensão “Distopias clássicas: os primeiros vislumbres do futuro”, promovido pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA);

Nos dias 3 e 4 de junho de 2025, participou como ouvinte da “II Jornada Nacional e I Jornada Internacional de Estudos do Nonsense Literário e seus arredores”, organizada pelo Grupo de Pesquisa de Produções Literárias Culturais para Crianças e Jovens (GPLCCJ-FFLCH/USP) e pelo Grupo de Estudos sobre Literatura Nonsense (GELN), ofertada pela Universidade de São Paulo (USP);

Por fim, nos dias 17 e 18 de julho de 2025, participou como ouvinte do minicurso “Universos paralelos: O fantástico em movimento na literatura do Brasil”, ofertado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

APÊNDICE I

UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DE OBRAS LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS DO GÊNERO MELODRAMA

RESUMO

Em uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho se dedica a uma análise teórico-crítica e pluridisciplinar das representações melodramáticas, explorando-as a partir dos romances *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, e *Amar foi minha ruína* (1944), de Ben Ames Williams, além de suas adaptações fílmicas homônimas. A pesquisa se fundamenta nos aportes teóricos de Jean-Marie Thomasseau (2005) e Ivete Huppés (2000), investigando como o melodrama, que teve sua origem no teatro popular do século XIX, se reconfigura em narrativas literárias e cinematográficas em distintos contextos históricos e culturais. A abordagem articula os Estudos Culturais e de Gênero para analisar a construção de subjetividades e as representações femininas, examinando as tensões entre os espaços doméstico e social, e as estratégias narrativas que revelam normas morais e emocionais. Por fim, esta perspectiva intersemiótica, que abarca tanto as linguagens literárias quanto as cinematográficas, permite demonstrar como as convenções melodramáticas refletem e desafiam as dinâmicas de poder e identidade, oferecendo uma releitura crítica das experiências femininas em seus respectivos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Melodrama; Literatura; Cinema; Teoria da Adaptação; Estudos de Gênero.

ABSTRACT

From an interdisciplinary perspective, this study is dedicated to a theoretical-critical and multidisciplinary analysis of melodramatic representations, exploring them through the novels *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), by Martha Batalha, and *Leave Her to Heaven* (1944), by Ben Ames Williams, as well as their homonymous film adaptations. The research is based on the theoretical contributions of Jean-Marie Thomasseau (2005) and Ivete Huppés (2000), investigating how melodrama, which originated in nineteenth-century popular theater, is reconfigured in literary and cinematic narratives across different historical and cultural contexts. The approach integrates Cultural Studies and Gender Studies to analyze the construction of subjectivities and female representations, examining the tensions between domestic and social spaces, as well as the narrative strategies that reveal moral and emotional norms. Finally, this intersemiotic perspective, which encompasses both literary and cinematic languages, demonstrates how melodramatic conventions reflect and challenge dynamics of power and identity, offering a critical reinterpretation of women's experiences within their respective contexts.

KEYWORDS: Melodrama; Literature; Cinema; Adaptation Theory; Gender Studies.

INTRODUÇÃO

Numa perspectiva que articula literatura e cinema, o presente estudo propõe uma análise intersemiótica de obras possivelmente vinculadas ao gênero melodrama, cuja classificação será objeto de investigação. A abordagem contempla tanto os elementos narrativos e temáticos que estruturam as tramas quanto os recursos formais característicos de cada linguagem. O objetivo é compreender de que maneira o gênero, ao circular por diferentes meios e contextos históricos, preserva e, ao mesmo tempo, reinventa suas convenções, articulando emoção, tensão moral e crítica social. Ao analisar as estratégias expressivas presentes em textos literários e produções cinematográficas, busca-se evidenciar como o melodrama mantém sua força estética e comunicativa, além de investigar como dialoga com questões universais e problemáticas específicas de cada época.

Sob esta perspectiva, a relação entre literatura, cinema e melodrama configura-se como um campo de estudo em expansão, sustentado por interpretações e abordagens críticas que aprofundam a compreensão da complexidade dessas narrativas. O gênero é reconhecido por mobilizar emoções intensas e articular conflitos éticos em tramas marcadas por fortes tensões morais. Embora sua presença ultrapasse os limites do teatro e do cinema, constitui uma matriz estética e discursiva que atravessa múltiplas linguagens. Obras literárias e adaptações fílmicas incorporam seus recursos expressivos e, ao fazê-lo, oferecem novas leituras sobre temas como opressão, identidade e desigualdade. Ao analisar essas produções sob a perspectiva melodramática, torna-se possível compreender de que modo o drama individual se articula à crítica social, permitindo que questões privadas se convertam em reflexão coletiva.

Ademais, este diálogo entre linguagens torna-se particularmente evidente quando o melodrama é entendido como recurso narrativo capaz de expor tensões históricas e sociais, sobretudo no que se refere à representação feminina. Originado em encenações teatrais populares do século XIX, consolidou-se sobre eixos de moralidade, sacrifício e catarse, apresentando personagens imersos em conflitos emocionais intensos. No contexto contemporâneo, a persistência e a renovação destas estruturas narrativas permitem que obras literárias e cinematográficas desafiem padrões e valores estabelecidos. Ao manter a polarização simbólica entre virtude e transgressão e incorporar maior complexidade psicológica e crítica social, o melodrama torna-se

um instrumento para refletir sobre a historicidade dos papéis de gênero e o impacto das convenções sociais na autonomia individual.

Consequentemente, a análise de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, e *Amar foi minha ruína*, de Ben Ames Williams, evidencia que o uso de elementos melodramáticos pode ir além da reafirmação de padrões narrativos, alcançando também sua subversão. Embora ambientadas em contextos culturais e temporais distintos, ambas exploram figuras femininas em conflitos morais e emocionais que transcendem o espaço doméstico, constituindo críticas à organização social. No romance brasileiro, o ambiente privado assume o papel de núcleo simbólico da invisibilidade feminina; na narrativa norte-americana, a obsessão e o controle afetivo revelam fragilidades e violências subjacentes à idealização romântica. Em ambos os casos, o melodrama atua como lente ampliadora das contradições internas e externas das protagonistas, articulando intensidade emocional e densidade sociocultural.

O caráter transnacional deste diálogo evidencia a presença de conflitos universais no melodrama, ainda que moldados por circunstâncias históricas específicas. No caso de Batalha, reinscrevem-se no presente as tensões de um Brasil patriarcal dos anos 1940, com narrativa fragmentada e uso da ironia como estratégias de resistência. Já Williams constrói um retrato psicológico permeado por atmosfera sombria, em que espaço e silêncio intensificam a tragédia. Assim, a comparação entre as duas produções mostra que, apesar das diferenças de abordagem, ambas utilizam o melodrama como espaço de confronto entre indivíduo e normas sociais, expondo fissuras em concepções legitimadas de amor, dever e moralidade.

Compreender a permanência e as transformações do melodrama implica reconhecer que sua relevância vai além de um apelo meramente sentimental e também de uma moralidade rígida. A expressiva capacidade de adaptação do gênero decorre de sua habilidade em reformular o conflito central, que é a tensão entre desejo e restrição, em diferentes linguagens e contextos históricos. Essa característica garante não apenas longevidade, mas também potencial crítico, o que permite que continue a articular emoção intensa e reflexão sobre normas e valores sociais. Desta forma, o melodrama mantém-se como um território fértil para a análise estética e sociocultural, revelando vitalidade e capacidade de renovação.

Para aprofundar essa compreensão é necessário voltar-se às suas origens e ao processo de consolidação enquanto forma artística, já que investigar sua trajetória histórica possibilita identificar as matrizes estéticas e discursivas que lhe deram forma e compreender as

transformações que permitiram sua adaptação a diferentes épocas e sensibilidades. Embora tenha suas bases nas convenções teatrais e musicais, o gênero expandiu-se para múltiplas manifestações artísticas e preservou um núcleo emocional e moral que permanece reconhecível. Retomar definições e perspectivas teóricas torna-se, portanto, um passo essencial para esclarecer sua gênese e evolução, bem como para compreender a permanência de seus elementos fundamentais como força expressiva e como espaço privilegiado de reflexão sobre as relações entre indivíduo, sociedade e valores culturais.

1. A GÊNESE DO MELODRAMA

Com esse objetivo, o capítulo que se segue examina as propostas de Jean-Marie Thomasseau (2005) e Ivete Huppés (2000), cujas análises sobre as origens e a formação do melodrama contribuem para compreender sua trajetória e permanência. Neste sentido, a análise de Thomasseau e Huppés é fundamental para entender a construção semântica do gênero e como ele se adaptou em diferentes momentos históricos. Visto que, ao analisar o melodrama, Thomasseau e Huppés propõem uma reflexão profunda sobre como o gênero se desenvolveu em diferentes exposições histórico-culturais e temporais, refletindo as transformações da sociedade em concepções divergentes, porém, de caráter elementar.

De início, a partir da análise etimológica, temos que o melodrama deriva do grego, *melos* (música) e *drama* (ação), o que contribui para conceber a personificação do significado de “espetáculo de teatro acompanhado de música”. Com isso, os dois elementos em união empreendem um sentido teatral no qual a sonoridade musical tem um papel fundamental em sua performance, não apenas como componente adicional, mas também como um elemento integrante para a exteriorização do drama, sendo o gênero composto por diferentes perspectivas, que contrastam com uma resolução sentimental. Esta afinidade entre componentes sustentou uma aproximação com a estética teatral romântica, emergindo-a futuramente como uma sucessora de movimentos subsequentes.

“Em seu gosto por um ilusionismo visual de impacto, de resto embalado por uma sonoridade melodiosa (o *meios* do drama), o gênero sempre se pautou pela intensidade, pela geração de estados emocionais catalisadores da credulidade — não apenas a fê inocente mas fundamentalmente a consentida. E radicalizou os ideais de transparência, de expressão direta dos sentimentos na superfície do corpo, onde verdades “afloram” porque livres da linguagem convencional” (Xavier, 2000, p. 87).

2.1. A evolução do melodrama na visão de Jean-Marie Thomasseau

Conforme desenvolve o estudioso francês Jean-Marie Thomasseau (2005)¹, datado do início do século XIX, o melodrama surge na França como uma consequência posterior à Revolução² e ao enlace de outros gêneros tradicionais da arte, marcada com a peça *Coelina* ou a Filha do Mistério, autoral por René Charles Guilbert de Pixérécourt³. Com forte envolvimento com o público, o gênero, segundo o autor, é dividido em três fases distintas: a fase clássica (1800-1823), a fase romântica (1823-1848) e a fase diversificada (1848-1914). Ademais, vemos que o período clássico do melodrama se movimenta e relaciona intimamente às mudanças sociais e políticas, buscando reafirmar valores fundamentais para a reconstrução da ordem social, onde enfatiza princípios como a virtude, a moralidade e a justiça, com o intuito de promover o equilíbrio coletivo e restaurar a coesão da sociedade. Portanto, as encenações dessa fase, não só refletem, mas também contribuem para a consolidação de uma visão de mundo que valoriza a estabilidade e o respeito pelas normas coletivas.

Tal como Thomasseau propõe, embora o melodrama exteriorize uma abstração sentimental e excessivamente dramática, em que personagens entregam emoções intensas em paralelo a ações desproporcionais, o processo direciona um propósito para as narrativas em que o espectador experimenta um método de purificação emocional, reduzindo as questões polarizadas entre o bem e o mal. Contudo, este panorama “se não é inteiramente falso, é por demais simplificador” (Thomasseau, 2005, p. 9). Em decorrência de sua ambiguidade, a crítica, no entanto, desenvolveu uma visão divergente do gênero, muitas vezes superficial, que negligencia os elementos essenciais de sua construção e o considera anacrônico.

Prematuramente, o melodrama por meio de seu vínculo reputado popular “provocou uma nítida dissociação entre o teatral e o literário” (Thomasseau, 2005, p. 10), ofertando uma perspectiva negativa do gênero, onde suas considerações assumiram características focadas no estilo literário ao negligenciar o potencial dramático do gênero teatral. Vide essa circunstância, a

¹ A publicação da edição original, em francês, data de 1984.

² A Revolução Francesa, que atingiu seu ápice com a Queda da Bastilha, foi um movimento político e social que ocorreu na França entre 1789 e 1799.

³ René Charles Guilbert de Pixérécourt (1773-1844) foi um dramaturgo francês considerado um dos pioneiros do melodrama moderno. Ele popularizou o gênero ao combinar elementos teatrais com efeitos visuais e musicais, contribuindo decisivamente para a consolidação do melodrama como forma popular de entretenimento.

sua associação ao teatro popular e os diversos confrontos irônicos percorridos por historiadores, conjecturam um passado onde o gênero é disposto à uma categoria de arte de qualidade inferior. Todavia, neste ponto é possível assimilar seu prestígio atual ao conceder atenção para seu histórico secular, que envolveu centenas de escritores ao gerar produções de renome e suscitou imenso fervor.

2.2. Ivete Huppes e a noção do melodrama como sucessor da tragédia

A obra “Melodrama: O gênero e sua permanência” da pesquisadora Ivete Huppes, publicada pela primeira vez em 2000, traz um enfoque à essa abordagem sobre o teatro romântico em destaque a sua relação entre melodrama e drama histórico, que compartilham particularidades emblemáticas similares. Da mesma forma, o romantismo, que surge como movimento artístico que perdurou por mais tempo do que muitas vezes é reconhecido, promoveu uma mudança na sensibilidade e nas preocupações do público, onde a sua longevidade refletiu na sua capacidade de adaptação a contextos variados e sua conexão com as transformações sociais e culturais dos tempos modernos, equivalente ao gênero discutido na publicação. O melodrama, descrito como contorno da sociedade emergente do século XIX, é evidenciado por Huppes como uma adaptação ao novo ambiente social e ideológico, sendo um marco para o seu percurso como sucessor da tragédia.

Melhor, o melodrama seria a tragédia que a civilização mecanicista emergente ensejou produzir, ou então, a composição adequada ao horizonte que a revolução burguesa constituiu, tanto da perspectiva artística quanto ideológica. Por isso mesmo, sua carreira não permanece restrita ao romantismo, mas vem a ultrapassá-lo em larga medida (Huppes, 2000, p. 10).

No que se refere à ideia de “tragédia”, a ação é um elemento essencial para o seu desenvolvimento contínuo, pois “a tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas” (Aristóteles, 1985, p. 248). Em resumo, é uma ação significativa com elementos adequados para desenvolver a trama de maneira íntegra, apropriada de recursos para garantir uma experiência estética e impactante. Não obstante, a necessidade de identificação coletiva, objetificada por meio de uma forte carga emocional, com uma linguagem acessível e recursos dramáticos evidentes, expressa o gênero como uma arte complexa e adaptável.

Semelhantemente ao coro da tragédia grega, esses recursos favorecem a compreensão por parte da plateia, além de representar uma alternativa de comunicação que se superpõe ao diálogo entabulado pelas personagens em cena. Aparecem como formas de comunicação direta com o público, em que pese vigorar a convenção da quarta parede (Huppés, 2000, p.73).

Desta forma, o gênero, na visão de Huppés, opera como “uma forma teatral própria da pós-modernidade” (Rouyer, 1987 *apud* Huppés, 2000, p. 11), maleável ao assumir uma orientação em direção ao futuro que permite a sua presença dentre as questões de dinamicidade do entretenimento popular. Por essa razão, a continuidade do gênero melodramático, conforme destaca Ivete, está intimamente relacionada aos processos e transformações características da modernidade, a sua conceitualização estabelece uma autonomia, presente em um aspecto que busca a prosperidade da comunicação e expressão da arte como um artifício, pois “a permanência do gênero melodramático tem ligação com processos correntes na modernidade” (Huppés, 2000, p. 145).

Diante do mencionado, percebe-se que o melodrama dialoga com o proposto para a sua formação e evidencia a sua natureza popular, ou melhor, mantém o vínculo a um princípio artístico com o qual afina inequivocamente a sua definição. Consequentemente, o gênero não apenas resiste as alterações exteriores, como também, continua a desempenhar um papel importante no questionamento dos problemas centrais que o cercam, mantendo sua força emocional e simbólica.

2. Narrativas ocultas em *A Vida Invisível De Eurídice Gusmão*

Considerando sua vitalidade e constante capacidade de renovação, o melodrama configura-se como um instrumento essencial para compreender narrativas que revelam conflitos tanto individuais quanto sociais, especialmente aqueles relacionados à construção da identidade feminina em contextos permeados por normas rígidas e relações de poder. É neste cenário que a literatura contemporânea encontra no melodrama um recurso expressivo para dar voz às tensões invisibilizadas pelas estruturas dominantes. Sob essa perspectiva, o romance “A Vida Invisível de Eurídice Gusmão” destaca-se como uma obra representativa, pois incorpora e problematiza as convenções melodramáticas ao retratar a trajetória de uma mulher cuja experiência evidencia as limitações e os silenciamentos impostos pela sociedade.

A obra de debute da autora Martha Batalha, mergulha nas tensões familiares que se entrelaçam com a sociedade carioca na década de 1940. Ao ter como foco a vida de Eurídice, uma mulher adulta, a obra propõe uma reflexão profunda sobre as limitações impostas às mulheres em uma época de forte repressão e normas rígidas, revelando como esses códigos moldam a identidade feminina. A trama não se limita somente a explorar a vida de Eurídice de forma isolada, como também demonstra o impacto das convenções sociais de um Brasil que vive um período de forte conservadorismo, onde as expectativas de comportamento das mulheres eram claras e intransigentes. A protagonista, uma mulher que, à medida que cresce, vê sua liberdade e sonhos sendo continuamente anulados pela imposição de um papel que a sociedade exige, simboliza a luta de muitas outras mulheres daquele período, que, assim como ela, estavam sujeitas a invisibilidade.

Ainda que se desenvolva em um período divergente, o romance foi escrito no século XXI e publicado em 2016, essa dissimilaridade entre o lapso presente no conteúdo da obra e o momento de sua escrita permite com que a autora vislumbre uma visão contemporânea sobre a conjectura de fatos ocorridos na trama. Por meio de uma abordagem que reproduza uma diferente perspectiva sobre os eventos históricos, considerando suas influências no tempo vigente, Martha Batalha consegue dialogar com as questões atuais e explorar como as questões de gênero, liberdade e direitos das mulheres ainda reverberam no presente. Portanto, ao olhar para o passado, a escritora permite que a sua abordagem torne a obra relevante não apenas como um retrato histórico, mas também como um comentário sobre a realidade contemporânea.

O romance, apresenta uma narração conduzida por um narrador onisciente, em terceira pessoa. Nesse sentido, a onisciência do narrador vai além de simplesmente relatar os acontecimentos, sendo capaz de narrar não apenas os acontecimentos que se passam com os personagens, mas também como pensam e sentem de forma íntima. Por meio desta perspectiva, a autora não apenas revela os eventos de forma objetiva, mas também constrói uma ponte íntima entre os leitores e os personagens, isentando uma percepção unilateral da narrativa e fornecendo acesso a múltiplos pontos de vista sobre uma mesma situação. Assim, o espectador consegue perceber com mais afinco as complexidades da vida de Eurídice, de uma forma mais multifacetada, o que transforma a obra em uma experiência narrativa imersiva.

Ademais, a história prossegue por cronologias divergentes que se conectam, cronológica e não cronológica, isto é, podem ou não estabelecer seus acontecimentos em ordem sequencial de tempo ao firmar uma série de marcos, sendo capazes de explorar as dimensões sociais das

personagens de forma mais completa porque facilitam a construção da história ao permitir uma exploração mais detalhada dos contextos sociais, familiares e políticos das personagens. Ao organizar os acontecimentos dessa forma, o enredo se desenvolve de maneira sólida, permitindo que o leitor compreenda de forma mais consistente como os eventos influenciam uns aos outros e moldam as escolhas das personagens. Outrossim, a linha do tempo não é apenas uma estrutura presente na narrativa, mas também serve para ressaltar o crescimento das personagens, que, ao longo do tempo se veem confrontadas com a perpetuação de uma sociedade que constantemente as limita. Essa escolha colabora com o retrato da obra ao destacar a evolução das ideias e atitudes dos personagens diante dos desafios que enfrentam, que, mesmo distantes, resistem em muitos aspectos da sociedade atual.

A narrativa contemporânea de Martha Batalha, não apenas detalha as vivências da protagonista, mas também serve como um reflexo para questões atemporais, destacando-se principalmente ao perseguir o íntimo psicológico de suas personagens ao demonstrar as marcas de uma sociedade restritiva. Entre suas linhas, a autora desenvolve um retrato sensível e chocante, que simboliza as experiências coletivas vivenciadas por todas as mulheres da época retratada. A luta pela liberdade, o desejo de afirmação individual e a resistência contra as opressões sociais são temas que transcendem o contexto histórico e continuam a ser de grande relevância nos dias atuais. As tensões internas e externas que Eurídice enfrenta revelam uma crítica contundente à estrutura social da época, ao patriarcado e ao modo como a mulher era posta a um papel de submissão.

Assim, a obra não apenas cumpre a função de resgatar uma memória histórica, mas também convida ao telespectador a buscar uma reflexão sobre as transformações sociais e as perpetuações de injustiças que permeiam nos dias atuais, permitindo uma leitura do passado sob a ótica do presente. Em sua juventude, Eurídice começou a abafar seus desejos, deixando à superfície apenas a menina exemplar — aquela que não levantava a voz, que se conformava aos padrões impostos pelos outros e cujos sonhos eram os dos pais, assim, além de uma simples reconstrução de uma realidade passada, o romance permite trazer à tona os dilemas da luta por dignidade. Tornando com que a história de Eurídice ressoe com a de muitas outras mulheres, seja no contexto da década de 1940 ou na sociedade contemporânea.

Neste sentido, a narrativa ambientada no subúrbio do Rio de Janeiro, discorre em primeiro ponto a infância das irmãs Guida Gusmão e Eurídice Gusmão, destacando como suas vidas foram marcadas por uma educação rigorosa e tradicionalmente patriarcal. Devido ao seu pertencimento a

classe média-baixa, a realidade social dominante permitiu o enfraquecimento constante do vínculo familiar, fomentando um desequilíbrio comportamental adquirido por Guida. Concedendo sequência ao enredo, a mudança em suas atitudes e a repressão perante a sua irmã mais nova, marcaram o início de uma virada trágica para a família. Por conseguinte, para a família Gusmão, a ausência de Guida não se torna apenas um acontecimento momentaneamente físico, como também um trauma, simbolizando o desmoronamento de sua estrutura familiar.

O enredo, no entanto, supera a narrativa de um desaparecimento, explorando temas intrínsecos sobre a identidade feminina e a opressão silenciosa que sofrem. Embora a trama recorra frequentemente à *flashbacks* para esclarecer outros acontecimentos na vida de Eurídice, é a partir de seu casamento que se organiza o núcleo central da história. O casamento entre as famílias Gusmão-Campello, distante de ser um momento de realização pessoal para a personagem, traz uma simbologia de submissão para a vida da protagonista. Logo, com mais idade, ainda casada e sendo mãe de duas crianças, o ambiente familiar começa a demonstrar desde cedo as fricções entre as normas sociais adjuntas as funções de gênero em uma sociedade dominada por uma hegemonia masculina, manifestadas por ações que configuram os papéis de poder que envolvem seu matrimônio e as relações com as personagens secundárias.

“Nunca teve tanta raiva, Antenor. Só não jogou máquina Singer, neguinha e tauba pela janela porque estava preocupado com o que os outros iam dizer. E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (Batalha, 2016, p. 53).

Com o passar dos anos, Eurídice se vê imersa em uma realidade opressiva. Seu casamento, longe de representar um momento de companheirismo e felicidade, se revela como um vínculo marcado pela infelicidade. O ambiente doméstico, ao invés de ser um espaço seguro, se transforma em um campo de batalha silencioso, onde as ações e atitudes de seu marido, Antenor, e das figuras secundárias ao seu redor reforçam a responsabilidade esmagadora que o controle masculino exerce sobre a sua vida. Essas dissonâncias se manifestam de maneiras diversas, desde o tratamento desigual nas responsabilidades domésticas até as imposições sobre seu corpo e seus desejos. Aparentemente naturais e inofensivas à primeira vista, essas ações evidenciam o entrelaçamento das dinâmicas de autoridade que moldam seu casamento e suas relações familiares.

Em seu primeiro momento, a importância do casamento para o desenvolvimento da personagem é estabelecida como uma espécie de espinha dorsal, visto que existem certas afirmações sobre o desenrolar do matrimônio que proporcionam compreensões ambíguas, como é explicitado no trecho: “Por que Eurídice e Antenor se casaram ninguém sabe ao certo” (Batalha, 2016, p. 8). Dessa forma, esse ponto central no enredo se torna o catalisador de uma série de situações que vão se desdobrando ao longo do romance, desde a descoberta da primeira briga do casal e, posteriormente, trauma de Eurídice, até mesmo a complicada vida sexual em relação ao nascimento dos filhos Cecília e Afonso, que se tornam um campo de tensão. Com base nesses elementos, o romance instiga ao leitor uma avaliação sobre as expectativas sociais, o papel da mulher no seio familiar e os efeitos emocionais e psicológicos dessas dinâmicas.

“Eurídice então se fez ouvir de outras formas. Ganhou um monte de quilos que falavam por si, e gritavam para Antenor se afastar. Ela emendava o café da manhã no lanche das dez, o almoço no lanche das quatro e o jantar na ceia das nove” (Batalha, 2016, p. 10).

3.1. O entrelaçamento do espaço doméstico e social

No contexto da narrativa, a convergência entre espaços evidencia a rede extensa de expectativas que as figuras femininas enfrentam em sua busca por identidade. Assim, entre as personagens femininas, especialmente Eurídice e sua irmã Guida, persiste uma modelagem do sistema que as integram em normas que atuam sob as funções de gênero limitantes. Dentro do espaço doméstico, onde deveriam se sentir protegidas, as personagens experimentam uma realidade de repressão, um lugar de opressão, onde suas próprias vontades e desejos são constantemente negligenciados. No entanto, o espaço social também desempenha um papel importante na formação de suas identidades próprias, uma vez que a sociedade estabelece normas que podem ultrapassar os limites da moradia.

Dessa forma, a relação entre as esferas doméstica e social, torna evidente a forma como as mulheres são constantemente moldadas por esse conjunto de expectativas — sendo condicionadas a atender às demandas familiares enquanto são invisibilizadas em suas próprias vontades. O constante entrelaçamento de territórios gera um ciclo de conformidade, onde, mesmo que as figuras femininas anseiem por autonomia, elas permanecem imersas em um sistema que reforça o controle sobre suas ações, tornando evidente que suas vidas estão, de certa forma, sempre à mercê das normas e valores dominantes. O cerne dessa dinâmica é o controle invisível, que age

silenciosamente, mas com grande força, sobre a vida das mulheres. Um controle que é imposto não só pela sociedade patriarcal, que exclui as mulheres dos espaços de poder, mas também pelas relações familiares, onde as expectativas sobre o comportamento e os deveres femininos são implacáveis.

Por esse viés, ao manifestar um ponto de vista onde Eurídice se torna apenas uma dona de casa sob a ótica alheia, mas que, de acordo com o narrador, “Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos” (Batalha, 2016, p. 11), há também um enfoque sobre o desestímulo que percorre as camadas de sua vida, desde a infância até os seus momentos sendo uma adulta. Concomitantemente, ocorre uma semelhança com o destaque em que sua residência é apresentada, pois o espaço da narrativa é sobretudo eminente aos acontecimentos da trama.

A interligação do domicílio com Eurídice, por sua vez, amalgama-se como algo único, de forma que a moradia ultrapasse as denominações de um simples espaço físico, tornando-se um reflexo das dinâmicas sociais e familiares, assim como a presença da personagem. Isso contribui para a estrutura narrativa, em que há um microcosmo das relações de poder, onde cada personagem ocupa diferentes funções demarcadas por suas posições sociais. Eurídice, como mulher, esposa e mãe, é limitada a vincular somente a residência, em paralelo aos outros membros de sua família que possuem papéis mais fluídos, tanto dentro da casa quanto fora dela. Portanto, o lar se torna um elemento central na história, que não apenas acolhe as personagens, mas também reflete as tensões e os limites impostos pelo corpo social, deixando de ser um espaço neutro para um lugar onde a mulher se vê confinada a um papel predeterminado.

Como forma de representação da sociedade brasileira, durante as décadas subjacentes dos anos 40, a figura feminina é exposta como nervo espinhal do lar, cujo retrato é perceptível dentro do romance. Embora o foco presente na domesticidade seja distribuído durante toda a sua vivência, mesmo fora do espaço residencial, a personagem é submetida ao papel de “mulher do lar”. Nesse contexto, as diagramações de suas funções são relativas ao ser mulher do século XX, assim como afirmam Ferreira e Dias (2009, p. 20), “a forma de pensar o papel da mulher na sociedade e a sua sexualidade não sofreu mudanças. Elas continuaram a ser vistas como algo a serviço do homem”, de forma que a sua presença pública seja desenvolvida por acontecimentos considerados femininos, seja ao frequentar a mercearia ou passar tardes inteiras vendo as vitrines da praça *Saez Peña*. Portanto, é sintomático que a dinâmica familiar siga permeada por pressões de gênero relacionados

à identidade das mulheres, visto que mesmo ao possuir talentos diversos, ainda se encontra limitada pelas normas patriarcais e por sua família.

“As proezas culinárias da moça não eram reconhecidas pela família. Afonso e Cecília passavam por um momento de Ode ao Macarrão e Antenor não era homem de se sensibilizar por um robalo com molho de alcaparra. *Dá-me um talharim, dizem as crianças, dá-me um bom bife*, dizia Antenor, e Eurídice voltava para a cozinha para esquentar a água do macarrão, e prometia a Antenor um filé-mignon sem cogumelos” (Batalha, 2016, p. 12).

Esse contraste entre as normas predispostas é substancialmente mais desenvolvido no momento em que o narrador traz as ações de Antenor, marido de Eurídice, perante as ações da esposa dentro do relacionamento. Ao longo da narrativa, as atitudes de Antenor são descritas de maneira que evidenciam como a sociedade tende a medi-las segundo uma lógica de aparências e convenções, em vez de avaliar os efeitos reais de seu comportamento. Em certos momentos, perseveram diálogos que sugerem uma ausência de culpabilização, como quando é mencionado que “Antenor não sumia na rua em orgias e em casa não levantava a mão. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças” (Batalha, 2016, p. 33). À vista disso, surge uma imagem de um homem que parece cumprir com os deveres tradicionais do papel masculino — provedor, disciplinado e presente. Essa descrição, ao ser apresentada sem maiores críticas explícitas, projeta a ideia de que Antenor é um marido exemplar, ou pelo menos um homem que se adequa aos padrões sociais de “bom comportamento”, o que gera uma falsa impressão de que o relacionamento entre ele e Eurídice seria, portanto, feliz e saudável, sendo esse o contrário da realidade narrativa.

No entanto, a concepção de não culpabilização presente no romance sublinha críticas implícitas à maneira como a sociedade lida com comportamentos considerados toleráveis ou aceitáveis, apesar de suas implicações problemáticas. Ao ser descrito como um marido que não comete excessos nas ruas, que é um bom provedor e que se comporta como se deveria esperar de um homem da classe média-baixa da época, Antenor recebe, em certo sentido, uma certa isenção das críticas que a sociedade muitas vezes reserva às figuras masculinas que, embora não sejam absolutamente nocivas, ainda perpetuam uma dinâmica de poder nas relações conjugais. Ao encarar uma narrativa imparcial, através dessa aparente ausência de falhas, a obra levanta uma reflexão sobre como é perceptível que sua personalidade se torne uma exteriorização das expectativas sociais-normativas, conduzindo a perpetuação de suas atitudes.

“Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.
 “Por onde raios você andou?”
 “Eu não andei por canto algum.”
 “Ah, andou, mulher.”
 “Não, não andei.”
 “Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.”
 “Sim, eu sei, minha irmã me explicou.”
 “Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”
 “Não fale assim, Antenor.”
 “Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda” (Batalha, 2016, p. 9).

Sob essa perspectiva, a figura de Eurídice torna-se um espelho da opressão silenciosa e constante que caracteriza a sua própria existência. Embora sua aparente conformidade com os papéis sociais de esposa e mãe seja interpretado e visto com uma aceitação, a personagem carrega as marcas de um sistema que exige a sua submissão. O romance destaca como a singularidade da protagonista é negligenciada em favor de uma narrativa que a transforma em um instrumento de manutenção da ordem familiar e social, pois ao ser pressionada pelas normas que definem o que é ser uma mulher ideal, Eurídice perde a conexão com seus próprios anseios, manifestando uma reprodução não só das limitações do seu casamento, mas de uma sociedade que constantemente nega a autonomia feminina, reforçando uma cultura de invisibilidade.

“Eurídice passou a sentar-se em seu posto menos para olhar o nada e mais para esperar a sensação chegar. A sensação chegava, e encontrava no silêncio o espaço para crescer. E foi assim que a sensação aumentou até ser vista por Eurídice, e Eurídice viu que a sensação era isso. A sensação era o dom de ver” (Batalha, 2016, p. 163).

De forma análoga, a figura de Guida emerge como um reflexo das tensões internas e das frustrações reprimidas que marcam a experiência de muitas mulheres à margem das expectativas sociais. Embora, à primeira vista, a personagem pareça ser a antítese da conformidade de Eurídice, sua rebeldia e a busca por uma vida fora dos moldes tradicionais também carregam consigo os estigmas de uma sociedade que não perdoa as mulheres que desafiam as normas. Assim, sua fuga, independente dos motivos, e a busca por liberdade são respostas diretas ao papel restrito que a sociedade lhe impõe, mas também expõem a solidão e a marginalização que recaem sobre aquelas que, como ela, tentam quebrar as correntes do patriarcado. O comportamento de Guida em muitos momentos, se torna uma tentativa de encontrar identidade em um mundo que, ao invés de acolher suas escolhas, a afasta, transformando-a em uma figura de juízo moral.

O romance, ao destacar sua trajetória, faz um contraponto à invisibilidade de Eurídice, mas também evidencia a luta de Guida por sua autonomia, que, no entanto, resulta em tragédia. Sua história revela a tensão entre o desejo de se afirmar como mulher e os custos dessa busca, questionando as construções sociais que ditam como uma mulher deve viver e quem ela pode ser. Assim, ela torna-se um símbolo das escolhas que, mesmo não sendo aceitas pela sociedade, expõem as consequências da tentativa de escapar da opressão, um protesto visceral contra as limitações de uma vida predeterminada, mas também uma representação de como a busca pela liberdade muitas vezes se dá a um alto preço pessoal.

“A dose extra custou a metade das economias. A segunda dose custou a outra metade. A terceira dose custou o colar com a medalha de Nossa Senhora que Guida nunca tirava do pescoço. A quarta dose custou Guida deitada sobre o tapete dos fundos da farmácia, com seu João resfolegando por cima” (Batalha, 2016, p. 121).

Embora a obra retrate como a opressão feminina em seu protagonismo se encontra, seu silêncio, que é ao mesmo tempo uma resistência e uma aceitação passiva, simboliza uma luta interna contra os papéis pré-estabelecidos que nunca foram escolhidos. Em última instância, sua história expõe a tragédia de mulheres que, sem nunca serem totalmente vistas ou compreendidas, se tornam retratos distorcidos de uma sociedade que não as permite ser quem realmente são. Um silêncio que não é simplesmente a ausência de voz, mas uma resposta complexa à imposição de uma identidade que não é sua, carregando uma resistência implícita, um protesto silencioso contra a expectativa de conformidade, mas, ao mesmo tempo, uma consideração sobre a aceitação passiva das limitações que a sociedade impõe.

Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, além das dificuldades enfrentadas, Eurídice enfrenta também o sofrimento interior de viver à sombra de papéis que negam sua verdadeira identidade. Por isso, a sua luta incessante para se encontrar, parar compreender quem é em um mundo que a redefine a cada passo, onde é constantemente reescrita pelos outros. Consequentemente, a melancolia encontrou nas palavras o desejo de liberdade da personagem, nos escritos de Dostoiévski, Tolstói, Virginia Woolf, a personagem encarou uma forma de recuperar o controle sobre sua própria história, de tornar a própria voz visível em meio a um mundo que desqualificava seus sentimentos. No mais simples ato de escrever, Eurídice não apenas reescreve sua história, mas também constrói uma nova narrativa, um novo ponto de partida onde sua voz se torna audível para o mundo.

“Foi numa noite de outubro, quando os escritos de Eurídice já estavam bastante avançados, que ela soltou entre uma e outra garfada a informação que satisfiz a curiosidade da família. ‘Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade’ (Batalha, 2016, p. 165).

3.2. Os ciclos invisíveis de controle

A personificação da sociedade patriarcal dos anos 40 na obra se manifesta de maneira abrangente, sendo considerada tanto nos personagens masculinos, como Antenor e Manoel Gusmão, quanto nos comportamentos e atitudes extraídos das diversas âmbitos sociais que permeiam o romance. Portanto, cada um desses elementos desempenha um papel fundamental na imagem de poder que representa a época, demonstrando como a estrutura conservadora age, penetrando as relações familiares e sociais, de maneira rigorosa e sem concessões. Contudo, a perpetuação desses valores não se restringe apenas às figuras masculinas, mas se estende às próprias mulheres, que, muitas vezes, também reproduzem essas normas inconscientemente.

Dentro da narrativa do romance, a lógica que interliga a submissão ao controle não se manifesta apenas na relação entre o núcleo principal, mas também na forma como as próprias mulheres da sociedade carioca reforçam essas normas. Dona Eulália, Zélia e outras figuras femininas funcionam como agentes dessa estrutura conservadora, perpetuando a ideia de que o destino natural de uma mulher é o casamento, a proteção masculina e o amparo incondicional à família, além da renúncia de seus próprios desejos. Qualquer tentativa de desvio desse padrão não é apenas reprovada, mas encarada como uma ameaça à estabilidade familiar e à ordem social. Assim, em diferentes situações e aspectos sociodemográficos, a liberdade feminina dentro desse contexto, não é apenas desencorajada, mas vista como um risco que deve ser contido, seja por meio da censura moral, da pressão social ou até mesmo da culpabilização.

“Zélia viu no casamento a solução para seus dias infelizes em Bangu. Depois viu o casamento como um erro. Um erro que ressonava a seu lado, todas as noites. Vendo Plínio dormir de boca aberta Zélia pensava na mediocridade de sua vida” (Batalha, 2016, p. 27).

Como forma de controle, a estrutura social da época estabelecia uma rígida separação entre os papéis de homens e mulheres, consolidando a desigualdade de gênero como algo natural e incontestável. Os homens possuíam a plena liberdade para circular nos espaços públicos, decidir seu próprio destino e exercer autoridade sem que suas ações fossem questionadas. Em contraste,

as mulheres eram confinadas a um âmbito mais restrito, onde cada uma de suas escolhas era submetida ao crivo das expectativas sociais, limitando suas possibilidades e reforçando a submissão como norma. Esse modelo de controle social não só impõe restrições às mulheres, mas também se mantém pela forma como esses valores são absorvidos e repetidos dentro do núcleo familiar.

Desse modo, esse sistema de poder não se sustenta apenas por meio de imposições diretas, mas também pela internalização gradual de seus princípios desde a infância. Nesse sentido, Manoel Gusmão, pai de Eurídice, exemplifica essa dinâmica ao ocupar a posição autoridade máxima dentro de casa, esperando obediência inquestionável de sua esposa e filhas. Assim, sua autoridade não necessitava ser imposta por meio da força, pois já era vista como uma condição natural dentro da estrutura familiar. Desde cedo, os filhos cresciam sob essa lógica, e sem perceber, internalizavam esses comportamentos como normas naturais, reproduzindo-os em suas próprias famílias no futuro, mantendo esse ciclo de dominação masculina, passando de geração em geração sem grandes questionamentos.

Ao crescer sob essa influência, Antenor absorve essa visão de mundo sem jamais questioná-la, tornando-se mais um elo na corrente de dominação masculina. Ele não apenas reproduz os comportamentos passados para si, mas também naturaliza a ideia de que a autoridade masculina dentro do lar é uma condição legítima e inquestionável. Para ele, essa dinâmica não representa opressão, mas sim a continuidade de um modelo socialmente aceito e consolidado ao longo das gerações. Dessa forma, a submissão feminina não precisa ser imposta por meio da força, pois já está enraizada na estrutura familiar e social, funcionando de maneira quase automática. Assim, o seu ciclo de dominação se perpetua sem grandes resistências, garantindo que os seus privilégios masculinos se mantenham intactos e reforçando um sistema que se sustenta pela aceitação silenciosa de suas normas.

“Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. Enquanto trabalhava nas receitas ela tinha certeza de que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia o sentido” (Batalha, 2016, p. 32).

Consequentemente, a dinâmica entre marido e mulher reflete a disparidade entre os valores atribuídos aos papéis masculinos e femininos dentro da sociedade. A presença de Antenor exemplifica como a estrutura patriarcal não só confere poder e prestígio aos homens, mas também

reforça sua posição como detentores do saber e da autoridade, porque enquanto Antenor, com sua posição e seu envolvimento no meio social, se insere em uma esfera pública de prestígio e respeito, o trabalho de Eurídice, apesar de ser fundamental para a manutenção da casa e da família, é completamente desconsiderado. Mesmo dedicando-se de forma incansável à gestão do lar, ela se vê constantemente diminuída, pois suas atividades não são reconhecidas como significativas. Essa diferença de reconhecimento cria uma desconexão entre os dois, onde, enquanto o trabalho de Antenor é exaltado pela sociedade e validado em sua posição social, o esforço de Eurídice é invisibilizado, reforçando a ideia de que o valor de uma mulher está atrelado à sua dedicação ao lar, sem o devido reconhecimento do impacto de suas ações.

Ao longo da trama, o personagem emerge como uma figura que exige, sem questionamento, que a esposa se conforme aos rígidos moldes da mulher ideal da época —discreta, submissa, e dedicada exclusivamente ao lar. Para Antenor, a mulher não deveria ter autonomia nem desejos próprios, sendo definida por seu serviço. Sua visão em relação ao amor é profundamente utilitarista: Ele está no centro da relação, enquanto Eurídice existe apenas para sustentá-lo emocionalmente e atender a todas as suas necessidades. Nessa dinâmica, ele não compreende que o casamento deve ser uma troca de afetos e compromissos, mas sim uma relação onde ele é o único que ocupa a posição de poder e autoridade, enquanto ela deve se anular em favor da família.

“Outros apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com o sabão especial de lavanda, ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola, porque se Nonô apreciava o gosto de cebola detestava a sua textura, sendo um único pedaço camuflado no feijão capaz de lhe deixar com engulhos e arroto por uma longa tarde regada a Alka-Seltzer” (Batalha, 2016, p. 8).

No entanto, quando Eurídice tenta romper esse ciclo, expressando o desejo de estudar ou de buscar algo mais para si mesma, Antenor reage com desaprovação e resistência, como se a simples ideia de ela procurar a própria realização fosse uma ameaça direta ao equilíbrio que ele acredita ser a ordem natural das coisas, e de acordo com o personagem: “Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?” (Batalha, 2016, p. 31). Sua postura não se limita apenas a um sentimento de posse ou controle sobre a esposa, ela é um reflexo de uma mentalidade profundamente enraizada em uma estrutura misógina, onde a autonomia feminina é vista como uma transgressão. Para ele, a mulher deve se contentar com os limites impostos pela sociedade e sua realização deve ser atrelada unicamente à dedicação ao lar e à família. A busca de Eurídice por

algo mais, por uma identidade que vá além do papel de esposa e mãe, é encarada como um desafio à autoridade masculina e ao sistema que mantém a ordem social, refletindo a visão de que qualquer movimento de emancipação feminina coloca em risco a estabilidade do que ele considera a “ordem natural” das relações.

“E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (Batalha, 2016, p. 53).

Além de enfrentar a opressão imposta pelo marido, Eurídice também se depara com filhos que, influenciados pela hegemonia masculina, reforçam a visão de que a mãe existe apenas para atendê-los. Assim, desde pequenos, são ensinados a considerar os cuidados maternos como um dever natural e desprovido de valor, contribuindo para a perpetuação da desvalorização feminina dentro do lar. Ao longo da vida, assimilam a crença de que as mulheres devem se sacrificar sem expectativa de reconhecimento ou autonomia. Essa mentalidade vai além do ambiente doméstico e se reflete na sociedade, que reforça a ideia de que a maior virtude feminina é a renúncia a si mesma pelo bem da família. Qualquer tentativa de romper com essa lógica é prontamente reprimida, garantindo a continuidade da dominação masculina de forma silenciosa e estrutural.

Além disso, Afonso, filho de Eurídice, cresce absorvendo os valores de uma hierarquia de gênero que molda sua visão sobre o papel das mulheres. Influenciado por um sistema androcêntrico que predomina em seu lar, ele aprende a naturalizar o esforço e os sacrifícios de Eurídice, sem perceber a profundidade do desgaste emocional e físico que ela enfrenta. Ao amadurecer, o menino carrega consigo essa crença de que as mulheres devem se submeter ao sacrifício constante em prol do bem-estar dos corpos masculinos, sem espaço para suas próprias vontades ou desejos. Em sua visão, o papel da mulher é ser uma figura servil, dedicada ao lar, sem jamais reivindicar autonomia. Essa concepção se reflete na sociedade como um todo, onde as mulheres são vistas como seres cuja principal função é a renúncia pessoal. O personagem, sem questionar essa lógica, reforça e perpetua a dominação masculina, sem perceber como suas atitudes contribuem para a manutenção do sistema que o formou, ignorando o impacto de seu comportamento na perpetuação dessa estrutura de poder.

“O inchaço inoportuno precisava de alívios imediatos, que Chico aprendeu a fazer no banheiro, e Afonso aprendeu a fazer em Das Dores. ‘Olhe que seu pai vai descobrir’, Das

Dores dizia enquanto Afonso levantava as calças. ‘Vai nada. E se descobrir você perde o emprego’ (Batalha, 2016, p. 134).

Esta mentalidade não se limita ao ambiente familiar, mas é reforçada pela sociedade como um todo, que consolida a ideia de que as mulheres são inferiores e devem se manter em um lugar de submissão. No círculo social em que Eurídice vive, qualquer comportamento que fuja às expectativas é severamente condenado, e as mulheres que buscam autonomia são vistas com desprezo. Logo, a maior virtude feminina, segundo essa lógica, é a renúncia a si mesma em prol da família, e aqueles que questionam essa norma são ridicularizados ou excluídos. Eurídice, como tantas outras mulheres de sua época, sente o peso desse julgamento, sufocada por um sistema que não só impõe seu papel, mas garante que qualquer tentativa de mudança seja rapidamente rechaçada. Dessa maneira, a hierarquia se sustenta não apenas pela opressão direta, mas pela convivência coletiva que transforma a limitação das mulheres em uma tradição inquestionável, perpetuando silenciosamente a dominação masculina.

Neste contexto, a busca das mulheres por liberdade e autonomia, ao tentar romper as limitações impostas e conquistar seu lugar na esfera pública, representa uma ameaça direta à ordem e à estabilidade que o controle masculino e seus defensores se empenham em preservar. O romance constrói um embate entre os mundos privado e público, evidenciando como as expectativas de gênero e os papéis sociais são manipulados de maneira estratégica para sustentar e garantir a continuidade do *status quo*⁴. O espaço doméstico, que deveria ser um refúgio, transforma-se em um ambiente de aprisionamento, enquanto o mundo exterior, acessível aos homens, simboliza o poder e a autonomia sistematicamente negados às mulheres. Em consequência disso, a obra não apenas descreve o confronto entre esses dois espaços, mas também expõe a dinâmica de opressão que visa manter as mulheres confinadas a um papel subordinado, negando-lhes o direito à liberdade plena e à autodeterminação.

3.3. Sofrimento e esperança: A construção de um romance melodramático em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*

⁴ Expressão latina que significa “estado atual das coisas”. Refere-se às condições, estruturas e normas vigentes em um determinado momento histórico ou social, que tendem a se manter estáveis e a resistir a mudanças. No contexto da narrativa de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, o *status quo* diz respeito à ordem social patriarcal e conservadora que impõe limitações e silenciamentos às mulheres, configurando o cenário de opressão e restrição enfrentado pela protagonista.

Em sua obra, a autora Martha Batalha desenvolve uma narrativa estruturada por aspectos fundamentais típicos do melodrama, subvertendo, no entanto, as convenções do gênero para abordar de maneira crítica a condição feminina em uma sociedade patriarcal. O melodrama, tradicionalmente caracterizado por situações de emoção extrema e de personagens que vivem entre contradições, é explorado na trama não apenas como uma forma de gerar empatia no telespectador, mas como uma ferramenta de denúncia. O romance, portanto, aproveita das tensões entre o desejo de autonomia da protagonista, Eurídice Gusmão, e da opressão imposta pelas normas sociopolíticas que regem sua vida para provocar no leitor diversas emoções. Assim, ao longo do romance, é possível assimilar que Batalha consegue construir um enredo que transita entre o drama e a criticidade, manipulando o gênero melodrama para expor as restrições impostas às mulheres no Brasil, assim, afirmando que: “Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas, e das suas avós” (Batalha, 2016, p. 7).

Ao revelar as contradições da vida de Eurídice e sua luta silenciosa por identidade, a escritora utiliza o melodrama como uma ferramenta crítica para expor o silenciamento das mulheres, tornando a história uma reflexão profunda, pois, como uma mulher comum em uma sociedade conservadora, a protagonista vive uma realidade onde seus sonhos e aspirações são ignorados e, mais ainda, onde suas necessidades emocionais e pessoais são anuladas em favor das expectativas de seu marido e filhos. Consequentemente, essa dinâmica representa uma das características centrais do melodrama: o sofrimento intenso da personagem, manifestado de maneira exagerada para destacar a sua submissão. Contudo, o gênero não se limita a uma exploração superficial do sofrimento, mas o manuseia como uma lente de criticismo sobre a condição de vida das mulheres em uma sociedade hierarquizada.

Com base no melodrama clássico, é possível perceber de maneira mais clara a oposição entre as personagens, o que permite uma visão objetiva dos conceitos relacionados à avaliação moral que coexiste com a narrativa. Assim, no romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, essa visão se torna evidente através dos personagens de Eurídice e seu marido. Embora sendo uma figura dominante, egoísta e cego às necessidades de sua esposa, ele não é necessariamente um personagem vilanesco no sentido moral-tradicional, mas sim alguém que age dentro de uma lógica social que desconsidera os direitos e os sentimentos de sua esposa. O marido de Eurídice é descrito como alguém imerso nas convenções da sociedade, assim, Antenor, ao contrário da esposa, não tem

consciência do sofrimento que impõe à sua esposa, o que o torna, de certa forma, ainda mais perigoso. Portanto, se torna o espelho de uma civilização que legitima a opressão das mulheres, embora suas atitudes não sejam necessariamente mal-intencionadas, são devastadoras, uma vez que nega a Eurídice a possibilidade de ser ela mesma.

“E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (Batalha, 2016, p. 53).

Além disso, o enredo do romance emprega uma estrutura que amplifica o sofrimento emocional e psicológico da protagonista. Sendo o melodrama um gênero que se destaca por explorar de maneira intensa o sofrimento humano, com um foco particular nas figuras femininas, apoia o uso primoroso que Martha Batalha desenvolve em sua escrita, que mergulha nas complexidades da vida de Eurídice Gusmão e molda a sua trajetória. Dessa maneira, a autora, ao manipular as emoções e os desafios enfrentados pela protagonista, constrói uma narrativa onde o sofrimento de Eurídice não é apenas um retrato de suas circunstâncias pessoais, mas também uma manifestação das pressões socioculturais que a oprimem. O sofrimento de Eurídice constitui uma natureza psíquica-emocional, que consome o seu corpo, sua vida e o seu tempo por meio das exigências externas em sua vida.

Outrossim, a construção do espaço que contorna a trama, elemento essencial do gênero melodramático, também é empregado de forma estratégica para intensificar os temas centrais da obra. A silhueta do espaço doméstico, visto de forma tradicional como um lugar seguro para a figura feminina, é apresentado no romance como uma prisão emocional, um espaço opressor, onde a personagem principal é constantemente lembrada da sua insignificância. Assim, existe um contraste entre o interior da moradia e o mundo exterior, onde o mundo é acessível aos homens, simbolizando poder e liberdade. Por isso, Batalha adota esse contraste como uma maneira de retratar a luta interna de Eurídice, uma mulher com desejos maiores que o permitido, com as limitações que barram as suas vontades.

Ao construir o romance de forma descontínua, Martha Batalha destaca as diferentes fases da vida das personagens, utilizando o tempo para ressaltar as transformações e desafios enfrentados por seus personagens. Essa estrutura fragmentada não apenas representa a confusão da trajetória da protagonista, mas também se alinha as práticas do melodrama, gênero que frequentemente emprega recursos narrativos para amplificar a intensidade emocional da história. Logo, a

fragmentação da narrativa retrata a própria fragmentação da vida de Eurídice, uma mulher que, aprisionada pelas limitações impostas para si, não consegue viver plenamente. O tempo, em sua sequência quebrada, se transforma em um eco de perdas e desejos não realizados, das oportunidades que nunca se concretizam e da vida que, por essas imposições, jamais poderá ser vivida de fato.

No aspecto moral, *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* segue uma tradição melodramática ao não apresentar uma resolução simples ou uma saída definitiva para os conflitos enfrentados pela protagonista. O melodrama clássico, em geral, consiste em por conclusões em que o sofrimento dos personagens é resolvido de forma simbólica ou moral, no entanto, essa resolução não representa uma verdadeira superação dos conflitos, mas sim uma reafirmação da opressão. O final da obra reflete precisamente essa característica do melodrama, pois não oferece uma solução clara para os dilemas de Eurídice. Embora tenha buscado, ao longo de toda a narrativa, alcançar sua autonomia em diferentes aspectos, a protagonista continua encarcerada por um sistema que trata sua existência com banalidade e supressão. O desfecho, ambíguo e melancólico, persiste na simbologia de persistência da opressão social e a continuidade da luta das mulheres por seus direitos, funcionando como uma crítica velada ao sistema que se perpetua, muitas vezes esmagando qualquer tentativa de emancipação feminina.

“Com uma filha que se mostrava cada dia mais diferente, um filho que só era dela porque saiu dentre suas pernas e um marido que só se achegava para beijos na testa, Eurídice voltou-se ainda mais para dentro de si, e para dentro do escritório com estantes de livros até o teto, onde passava a maior parte do dia. Nunca tirou a medalhinha de Nossa Senhora do peito, mesmo quando deixou de acreditar em Deus” (Batalha, 2016, p. 186).

Ao construir uma produção presente entre os parâmetros do melodrama, Martha Batalha consegue articular não apenas uma obra de grande carga emocional, mas também recorrer as convenções desse gênero para promover uma crítica incisiva. O gênero, enfatizado por conflitos éticos, serve como meio eficaz para destacar as desigualdades gritantes que as mulheres enfrentam. Ao decorrer da narrativa, as barreiras impostas às personagens femininas são desmascaradas com sensibilidade, ressaltando como a sociedade constantemente as restringe, seja através das expectativas familiares, sociais ou até mesmo da cultura dominante. Nesse contexto, a história de Eurídice não é apenas a de uma mulher em busca de independência, mas também a de uma

protagonista que, por mais que se esforce, é cercada por uma estrutura que a restringe de se concretizar por completo.

O romance, portanto, vai além de um simples drama emocional. Ele se torna uma reflexão profunda sobre o papel da mulher na sociedade e a sua luta constante, embora muitas vezes silenciosa, pela liberdade e pelo reconhecimento da identidade feminina. O tema da opressão, tão presente no melodrama, é ampliado na trama, servindo como base para uma análise crítica das dinâmicas de gênero presentes. Ao longo do enredo, a autora estabelece um retrato de uma sociedade que invisibiliza as mulheres, o que confere à obra uma dimensão política e social. A luta de Eurídice por sua liberdade, suas frustrações e os conflitos que enfrenta dentro de um contexto restritivo não são apenas aspectos emocionais da trama, mas sim uma denúncia da realidade social em que as mulheres, por gerações, têm sido forçadas a viver. Dessa forma, *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* se insere no debate contemporâneo sobre os direitos das mulheres e a busca por uma maior autonomia e reconhecimento em um mundo ainda dominado por estruturas misóginas.

4. Dinâmicas narrativas e psicológicas em *Leave Her to Heaven*

Após analisar as dimensões sociopolíticas presentes em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, a investigação volta-se para outra expressão do melodrama, marcada pelo suspense psicológico e pela complexidade emocional. *Amar foi minha ruína*, no idioma original “*Leave Her to Heaven*”, inserido em contexto cultural distinto, mantém a centralidade dos conflitos ligados ao desejo, à possessividade e aos embates internos, ampliando o campo interpretativo do gênero. Ao reconfigurar as convenções tradicionais, a obra aborda obsessão e tragédia em uma atmosfera de tensão e mistério crescente. Juntas, essas narrativas revelam a permanência e a versatilidade do melodrama como instrumento para analisar as complexidades das relações humanas, reafirmando sua relevância frente às variadas experiências e contextos culturais.

O romance do autor norte-americano Ben Ames Williams se destaca como um marco no suspense psicológico, combinando uma atmosfera sombria e o mistério da ficção gótica ao analisar os perigos de uma paixão obsessiva e destrutiva. Originalmente publicado em 1944, a trama se permite desenvolver entre as nuances da mente feminina, inserida em um enredo marcado por tensão psicológica e tragédias. A obra, por sua vez, aborda de forma contundente as dinâmicas complexas entre os personagens, onde ultrapassa os limites de ser uma simples narração sobre relacionamento ao evidenciar como o desejo de posse e a necessidade de exclusividade podem

levar a atos extremos. Assim, sendo ambientado em um contexto que contrapõe a estética de paisagens bucólicas à complexidade das sombras da mente, o romance estabelece uma atmosfera de suspense progressivo, na qual as fronteiras entre amor e obsessão se encontram.

O tom descritivo empregado por Williams, marcado por sua precisão e contenção, revela uma estética literária que recusa o excesso em favor de uma experiência sensorial sutil, porém marcante para o espectador. Suas descrições, especialmente das paisagens naturais, desempenham um papel fundamental na criação do ambiente, funcionando como reflexos simbólicos das emoções conflituosas, que persistem nas personagens, e criando contrastes entre a beleza do mundo exterior e a angústia presente no interior. Consequentemente, o ambiente não se limita a ser apenas um cenário para os acontecimentos da trama, mas se integra de maneira profunda à estrutura narrativa, aprofundando as complexidades psicológicas dos personagens e a forma em que se relacionam. Portanto, a narrativa de *Leave Her to Heaven* prossegue de forma gradual, construindo a tragédia psicológica ao permitir que o leitor acompanhe a evolução da obsessão da protagonista até o seu desfecho inevitável.

Embora publicada em um período passado, a ficção se destaca ao adotar uma abordagem que permite o estudo da mente humana e das dinâmicas emocionais que moldam seus personagens, refletindo as marcas do momento em que foi elaborada e representando tanto os valores quanto as inquietações da época. Dessa forma, a construção textual, associada à escolha de um narrador onisciente em terceira pessoa, possibilita que a obra vá além de uma simples sequência de eventos, proporcionando uma profundidade psicológica que a torna atemporal. Por meio dessa estratégia, o romance não apenas apresenta as ações e reações das figuras centrais da trama, mas também permite um acesso amplo e detalhado às suas dinâmicas internas. Pois, ao invés de apenas narrar eventos de maneira objetiva, conduz o leitor a uma compreensão mais profunda dos impulsos e conflitos, o que intensifica a tensão ao longo do romance, uma vez que os acontecimentos são expostos sem qualquer julgamento explícito.

Inicialmente, a obra introduz uma construção criteriosa das personagens e das dinâmicas interpessoais entre elas, estabelecendo, desde o princípio, os elementos centrais que impulsionam o conflito principal. À medida que a trama avança, o ritmo da história acelera, manifestando a incompreensibilidade das ações da personagem principal e as tensões crescentes entre o restante. Nesse processo, Ben Ames Williams organiza uma progressão com precisão, empregando reviravoltas dramáticas e momentos de grande impacto emocional, com o intuito de manter o

interesse do leitor e, ao mesmo tempo, amplificar a sensação de inquietação que permeia a prosa. O enredo não se limita a explorar a profundidade das emoções humanas, mas também aborda questões que vão além do contexto temporal da história, como o desejo, a possessividade e a destruição gerada quando esses impulsos são levados ao extremo.

Através da figura da protagonista, o autor constrói uma personagem que reflete não apenas os desafios internos de alguém consumido pela obsessão, mas também expõe as complexas dinâmicas de controle e manipulação emocional que permeiam suas relações com os outros. Marcada por reviravoltas e tensões psicológicas, a trama revela como a busca por poder pode desestruturar a vida de uma pessoa e daqueles ao seu redor, tornando a obra uma análise profunda da natureza humana. Portanto, a obra vai além de ser apenas uma tragédia pessoal, ao oferecer uma reflexão profunda sobre as consequências das escolhas impulsivas e a incapacidade de lidar com os próprios desejos e inseguranças. Embora centrada em um enredo de obsessão e violência emocional, a história aborda questões universais, como a luta interna pela aceitação e o impacto devastador dos sentimentos reprimidos na interioridade humana.

Ao criar uma narrativa envolvente e psicológica, o autor também questiona a moralidade e os limites do comportamento humano, fazendo com que a história não se restrinja a uma tragédia individual, mas se torne um espelho das complexas questões emocionais que continuam a afetar as relações humanas. Dessa forma, a obra não apenas preserva a tensão psicológica do passado, mas também continua a provocar uma reflexão crítica sobre os comportamentos destrutivos que ainda persistem no presente, incentivando o leitor a confrontar as profundezas da alma humana. Através de suas personagens, o autor evidencia como os sentimentos reprimidos podem moldar as ações e os destinos, criando um retrato da fragilidade humana diante de suas próprias obsessões. Assim, a obra se torna não apenas uma análise da psicologia individual, mas também um convite a refletir sobre as dinâmicas emocionais que governam a interação entre as pessoas em qualquer contexto social.

Em vista disso, a história ambientada em diferentes paisagens norte-americanas, como o deserto do Novo México e os lagos do Maine, apresenta inicialmente aspectos da vida de Ellen Berent, uma mulher marcada por uma educação pautada pela rigidez moral e um profundo senso de posse afetiva, mais relacionado a figuras masculinas. Desde o início, nota-se que o falecimento de seu pai contribui decisivamente para a formação de uma personalidade obsessiva, evidenciando um desequilíbrio emocional que se agrava ao longo do tempo. Consequentemente, o seu encontro

com o escritor Richard Harland, com quem se apaixona e casa, desencadeia a centralização de sua vida em torno da exclusividade amorosa. Desde esse instante, a trama se transforma em uma espiral trágica, conduzida por atos de manipulação e ciúmes extremos.

“She loved her father — and she shut everyone else out of his life, even his own wife, her mother. When he died, her greed fastened on Harland. She set out to get him to marry her, and when she had him hooked, she told him: ‘I will never let you go.’” (Williams, 2007, p. 367).

De maneira correspondente, a relação com seu parceiro demonstra uma tentativa angustiada da protagonista de preencher o vazio deixado por sua figura paterna, transferindo para o marido todo o fervor de um afeto idealizado, que logo se transforma em uma obsessão. Enquanto a personagem deposita nele a intensidade emocional que não mais encontra no pai ausente, Harland mantém uma postura ainda autônoma e resistente, o que intensifica em Ellen um sentimento de rejeição silenciosa, além de ódio velado. Essa discrepância de comportamento faz com que ela oscile entre a idealização romântica e o impulso destrutivo, transformando o amor num terreno de batalha onde o desejo de domínio se mistura à frustração de não receber a mesma entrega. De forma surpreendente, essa dinâmica não só desestabiliza o equilíbrio emocional e psicológico da protagonista, como também reflete, de maneira aguda, o conflito entre a busca por uma completude afetiva e a impossibilidade de se alcançar uma reciprocidade plena.

“Her passion for her father had transferred itself to Harland, but Harland did not readily submit to it. She felt in him always something that was held back from her, some inner self which she could neither touch nor move; and there had been hours when, even in his arms, conscious that he was not so completely surrendered to her as she was to him, she had hated him and sought to beat and buffet him — and she hated him the more because he laughed in tender delight at her violence” (Williams, 2007, p. 139).

Como resultado, em meio a esse turbilhão de emoções, os gestos de Ellen ganham contornos de uma tragédia íntima, que ecoam, com uma intensidade quase poética, a dor de uma mulher que se vê aprisionada por seus próprios impulsos e expectativas, enquanto o ambiente que a cerca se torna o palco de uma luta interna irreconciliável. Além disso, essa tensão sublinha a transformação do amor em um campo de controle e frustração, ampliando a narrativa para além de um simples relacionamento conflituoso e revelando as profundas cicatrizes que emergem quando o ideal romântico se choca com a realidade intransigente da existência.

Neste panorama, a ausência de um amor correspondido se insinua como o ponto de ruptura definitivo na trajetória da protagonista, funcionando como o gatilho que desencadeia sua derrocada emocional. A percepção de não ser mais amada abala as últimas estruturas que sustentavam sua identidade, intensificando o sentimento de vazio e desamparo que sempre a acompanhou. Por essa lógica trágica, o amor, antes idealizado como fonte de completude, transforma-se em um campo de angústia, dominação e perda. A rejeição afetiva que ela sofre não apenas desestabiliza o seu psicológico, mas também revela o quanto sua existência estava ancorada na necessidade de ser desejada e centralizada na vida do outro. Sua autodestruição, portanto, não surge como um ato isolado, mas como a culminância de uma longa cadeia de frustrações silenciosas, onde o colapso afetivo reflete a impossibilidade de sustentar um eu autônomo diante da falência do ideal romântico.

“Harland began belatedly to understand. If they were to contend that Ellen had killed herself, they must affirm that she did so because Harland no longer loved her” (Williams, 2007, p. 340).

4.1. O paradoxo da idealização e a condenação social da figura feminina

A narrativa de Ben Ames Williams apresenta uma demonstração profunda da personagem Ellen Berent como uma figura que, inicialmente, encarna o ideal de mulher perfeita, uma *femme fatale*⁵, cujos comportamentos e motivações revelam um paradoxo fascinante entre a idealização da figura feminina e sua subsequente condenação social. Ellen, como uma figura central do romance, representa as tensões inerentes às construções sociais e culturais sobre a mulher. A trama demonstra como a obsessão da protagonista por um amor idealizado e controlador a leva a um processo de autossabotagem, exemplificando uma crítica às expectativas impostas à figura feminina. Através da protagonista, Williams constrói uma reflexão sobre o modo como a sociedade, ao mesmo tempo em que idealiza a mulher como objeto de perfeição e virtude, a condena quando ela ultrapassa os limites dessa idealização, revelando a fragilidade dos estereótipos de gênero.

“Her beauty was a continuing delight, yet even in their richest hours, with the impersonal mind of the novelist he sometimes thought their rôles were reversed; that she was the eager

⁵ Expressão francesa que significa “mulher fatal”. No contexto literário e cinematográfico do gênero Noir, refere-se a um arquétipo de personagem feminina caracterizada por seu charme, sedução e poder, geralmente usada para manipular homens e levá-los à ruína ou destruição.

lover, he the consenting mistress; that her passionate abandonments were more profound than his. She might be lost in ardent raptures while he was almost calm, and to see her thus moved filled him with a proud tenderness.” (Williams, 2007, p. 111).

Em consequência disso, Ellen Berent é inicialmente apresentada como o modelo de mulher idealizada, cuja beleza física, inteligência e charme a tornam o centro das atenções na sociedade em que vive. Dentro desse contexto, a mulher é idealizada como um símbolo de perfeição, destinada a ser admirada e cobiçada. Esse ideal é uma representação das normas sociais de um período histórico que valoriza a estética e a subordinação feminina, onde a figura feminina deve ser não apenas atraente, mas também passiva, submissa e dedicada ao cuidado do lar. Ellen, embora aparentemente cumpra esse papel, corresponde a uma faceta mais enigmática e destrutiva. Já que sua obsessão por Richard Harland, seu marido, se torna um ponto de virada crucial, pois a idealização da figura masculina, combinada com a crença na posse absoluta, a leva a agir de maneira extrema.

No entanto, à medida que a narrativa se desenrola, a obsessão da protagonista por seu companheiro indica um distúrbio psicológico mais profundo, que desafia a idealização inicial de sua figura. O amor de Ellen, embora ostensivamente puro e devoto, é, na realidade, possessivo e controlador. Sua ideia de amor é, assim, uma versão distorcida de devoção, onde o afeto é entrelaçado com um desejo de controle absoluto sobre o outro. O paradoxo aqui é que, ao tentar manter Richard exclusivamente para si, ela não apenas destrói sua própria felicidade, mas também a do parceiro. Esse comportamento, que inicialmente pode ser compreendido como um espelho da submissão feminina, rapidamente se transforma em uma forma de violência emocional, onde a mulher idealizada se torna uma figura patológica, refletindo o perigo de uma idealização extrema.

Essa dimensão sombria do afeto de Ellen ganha forma concreta em uma das cenas mais trágicas da narrativa, a morte de Danny, irmão de Richard. A protagonista, ao levar o rapaz para nadar no lago, observa friamente enquanto o garoto, portador de uma deficiência física, luta para atravessar a água. Ciente da dificuldade e do perigo iminente, ela opta por não fazer nada, permitindo que ele se afogue diante de seus olhos. Esse ato cruel, motivado pelo desejo de eliminar qualquer obstáculo à exclusividade de seu amor por Richard, revela o quanto sua obsessão transcende os limites do afeto saudável e se transforma em uma violência silenciosa e perversa. Nesse momento, a mulher antes adorada por sua beleza, elegância e devoção torna-se uma figura monstruosa, capaz de sacrificar vidas em nome de um amor distorcido.

“Ellen in this moment made no conscious decision. She knew that Danny was drowning, and with the knowledge came a tremendous, billowing, exultant comprehension. If Danny drowned, then she could make Richard wholly hers! She did not think: ‘I will let him drown!’ But neither did she think: ‘I can save him!’ Nor did she make any move to do so” (Williams, 2007, p. 144).

Consequentemente, esse processo de desintegração do ideal feminino se dá de maneira paralela ao julgamento social que Ellen sofre à medida que suas ações se tornam cada vez mais extremas. A sociedade, que inicialmente vê sua beleza como uma virtude, passa a enxergar seu comportamento obsessivo e possessivo como algo monstruoso. A linha tênue entre o ideal e o condenável é rapidamente cruzada quando ela se distancia das expectativas tradicionais de um comportamento feminino modesto e submisso. Sua busca por um amor idealizado se transforma em uma tentativa de controle absoluto sobre Richard, o que a conduz à marginalização. A moralidade de uma sociedade patriarcal, que constrói e legitima a mulher como símbolo de virtude, não oferece espaço para a complexidade emocional nem para os desejos profundos dessa figura. Ao ultrapassar os limites do comportamento aceitável, Ellen é, então, condenada pela mesma sociedade que antes a venerava, sendo vista não mais como a mulher ideal, mas como uma ameaça à ordem estabelecida.

“She loved her father — and she shut everyone else out of his life, even his own wife, her mother. When he died, her greed fastened on Harland. She set out to get him to marry her, and when she had him hooked, she told him: “I will never let you go.” When she found she had to share his love with Danny, she killed Danny — indirectly, it’s true, but she killed him all the same. But Mr. Harland saw her do that; and though he protected her against prosecution for the crime, he hated her from then on” (Williams, 2007, p. 367).

A condenação de Ellen, por sua vez, pode ser compreendida como uma crítica à hipocrisia da sociedade de sua época. Sendo a mesma sociedade que a enaltece pela sua beleza e virtude, ao perceber sua vulnerabilidade emocional e sua obsessão, a rejeita e a marginaliza. Por esse viés, o movimento de idealização e condenação reflete uma dinâmica intrínseca à construção das figuras femininas na sociedade patriarcal, onde a mulher é idolatrada enquanto se mantém dentro dos padrões sociais rígidos de comportamento, mas qualquer desvio desses padrões resulta em punição. Ellen, ao ser vista como uma mulher que ultrapassa os limites da pureza e da virtude, é tratada como uma figura transgressora. Assim, essa transformação da mulher idealizada em uma mulher condenada revela não apenas os limites da idealização, mas também os mecanismos de controle social que buscam disciplinar a figura feminina.

Considerando esse cenário, o sofrimento de Ellen pode ser compreendido como uma consequência da imposição de uma idealização feminina que desconsidera as complexidades do desejo e da emoção humana. Ao criar uma figura feminina pura e submissa, a sociedade não apenas restringe a liberdade individual da mulher, mas também a impede de vivenciar sua totalidade emocional. Ao tentar corresponder a esse ideal, Ellen se vê privada da oportunidade de expressar suas emoções de maneira plena e genuína. Sua obsessão por Richard, portanto, não se resume a uma busca por controle, mas a uma tentativa de preencher um vazio existencial, fruto da imposição de um papel com o qual ela não consegue se identificar. Essa resposta emocional indica uma tentativa frustrada de reconstruir um ideal perdido, o que, por sua vez, a impede de estabelecer uma relação genuína e autêntica. Nesse contexto, o amor que Ellen sente por seu marido não pode ser visto apenas como uma expressão de afeto, mas como um reflexo da falta de autenticidade de sua própria existência.

“The fact that because he looked like her father she had burst into tears suggested that she was recently bereaved and her appearance indicated that she was of the nervous and emotional type” (Williams, 2007, p. 29).

Além disso, a figura feminina em *Amar foi minha ruína* é representada como uma construção social que reflete a luta constante entre a identidade individual e as expectativas impostas por um sistema de gênero patriarcal. Ellen, como outras mulheres da sua época, é condicionada a acreditar que a perfeição feminina está atrelada à imagem de uma mulher submissa e perfeitamente controlada. No entanto, sua incapacidade de lidar com as frustrações do amor e sua obsessão por Richard demonstram a falha desse ideal. A mulher, ao ser moldada para corresponder a esse padrão, se vê impossibilitada de lidar com as realidades emocionais de um relacionamento complexo e autêntico. A obra, portanto, sugere que a busca pela perfeição e pelo controle total não apenas destrói a mulher, mas também a relação que ela deseja preservar.

4.2. Beleza em vertigem: A paisagem como vetor de ambiguidade e patologização

O romance, mais do que um relato sobre obsessão, é uma obra que aborda sobre as tensões entre espaço, subjetividade e a construção social do feminino. Ao longo da narrativa, a ambientação ganha uma dimensão simbólica e psicológica, transformando a natureza não apenas em cenário, mas em reflexo e catalisador da instabilidade emocional da protagonista, Ellen Berent. A paisagem

transcende a função convencional, tornando-se uma metáfora poderosa para a complexidade de seus sentimentos, amplificando o turbilhão interno da protagonista frequentemente associada ao arquétipo da *femme fatale*. A relação de Ellen com o ambiente natural revela sua subjetividade de forma mais profunda, entrelaçando-a com um universo interno em ebulição. Os lagos silenciosos, as montanhas imponentes e as vastidões isoladas funcionam como espelhos desse estado emocional, intensificando a tensão melodramática da obra.

Nesse cenário, a beleza da natureza não serve apenas como refúgio, mas como um espaço onde o sublime e o abismo coexistem, acentuando tanto a intensidade afetiva da protagonista quanto sua condenação social. Sua paixão, interpretada como desvio, intensifica seu afastamento da aceitação social e agrava seu isolamento crescente. Desde sua primeira aparição na trama, Ellen é envolta por uma aura de beleza e mistério que beira o sobrenatural. Sua entrada na vida de Richard Harland, intensa, repentina e quase ritualística, evoca uma força incontrolável da natureza. O espaço ao seu redor, desde o primeiro encontro com o protagonista, carrega essa mesma ambivalência, sendo ao mesmo tempo belo e tenso, como se a serenidade da paisagem escondesse algo prestes a ruir. Essa duplicidade espacial acompanha toda a sua trajetória, funcionando como um fundo emocional que intensifica suas ações e revela, de maneira silenciosa, os desequilíbrios que a conduzem.

“While he watched her, exotic words drifted across the mirror of his mind as summer clouds drift across the sky; words that bore the flavor of the mysterious East. He remembered the tales in the *Arabian Nights*, heroines with alabaster brows, and almond eyes, and lips — was it lips? — like pomegranates. He was not at all sure what pomegranates were, and probably that simile was wrong, but its sound pleased him. He thought of myrrh and frankincense and potpourri — or was it patchouli? — and of nameless mysterious fragrances; of sloes, and of clusters of purple grapes, each richly full of blood-red juices which spilled when you crushed them between your teeth” (Williams, 2007, p. 27).

Ao longo da narrativa, o autor transforma a paisagem em um verdadeiro espelho da interioridade de sua protagonista, utilizando o ambiente natural como um dispositivo de introspecção. Desde as montanhas de *Back of the Moon* à casa à beira do lago, o isolamento físico que cerca Ellen Berent ultrapassa o papel de simples cenário, tornando-se um símbolo de sua clausura emocional. Cercada por beleza e silêncio, a personagem constrói o que parece ser, à primeira vista, um paraíso conjugal idealizado, um espaço onde acredita poder exercer controle absoluto sobre aqueles que ama, especialmente Richard. Contudo, esse desejo rapidamente se

converte em uma forma de aprisionamento que atinge não só os outros, mas também a si própria. O que parecia um refúgio se revela um cárcere simbólico, no qual sua obsessão e necessidade de exclusividade emocional se intensificam. A natureza ao redor, com sua vastidão silenciosa e beleza imperturbável, acompanha esse processo, tornando-se espelho e catalisador de uma solidão crescente e de uma possessividade sufocante.

A construção do espaço, assim, está profundamente entrelaçada à patologização da figura de Ellen. Seu anseio por isolamento, o prazer no silêncio absoluto, a recusa em compartilhar o afeto do marido com qualquer outra presença ou responsabilidade são apresentados não como dimensões de uma mulher emocionalmente complexa, mas como manifestações de um desvio. Essa percepção é reforçada pelos demais personagens, especialmente Danny e Ruth, que veem em suas atitudes indícios de desvio, ameaça e instabilidade emocional. Já que, a mulher que deseja um amor absoluto, que exige exclusividade total, é percebida como anormal e ameaçadora. Além disso, essa percepção está relacionada a um ambiente incerto, no qual o lago esconde segredos, a natureza permanece indiferente à dor humana e o isolamento reflete os conflitos internos da mente. O estado emocional de Ellen está diretamente conectado ao espaço ao seu redor, de modo que a natureza não apenas revela suas emoções, mas também contribui para construir sua imagem como uma figura que transita entre o normal e o perturbador.

No momento em que Danny se afoga diante de sua presença, o ambiente é descrito com uma beleza perturbadora, o sol brilha sem pudor, a água reluz como espelho, e o silêncio ecoa. Essa cena é suavizada pela serenidade da paisagem, o que paradoxalmente acentua a frieza do gesto. A água, tradicionalmente símbolo de pureza e renovação, torna-se, ali, um espaço de morte e revelação de um impulso destrutivo que permanece soterrado sob a superfície da personagem. Williams, com sua prosa contida e quase clínica, evita o melodrama explícito, intensificando assim o impacto emocional e moral do episódio, ao permitir que o horror se manifeste com inquietante naturalidade.

“Ellen in this moment made no conscious decision. She knew that Danny was drowning, and with the knowledge came a tremendous, billowing, exultant comprehension. If Danny drowned, then she could make Richard wholly hers! She did not think: ‘I will let him drown!’ But neither did she think: ‘I can save him!’ Nor did she make any move to do so” (Williams, 2007, p. 143).

A beleza que cerca Ellen, tanto em sua aparência como nos ambientes que ela seleciona cuidadosamente para habitar, ganha uma qualidade vertiginosa com o tempo. Mais do que um simples atributo visual, ela se torna um mecanismo de separação entre Ellen e o mundo ao seu redor. Sua beleza, longe de ser uma fonte de consolo ou de conforto, torna-se uma exigência insustentável. Não há espaço para imperfeições em sua construção, e ela, assim como o ambiente que escolhe, passa a exigir uma perfeição que é ao mesmo tempo opressiva e ilusória. Em seu desejo de controlar a estética de sua vida, ela busca preencher um vazio profundo, uma ausência interior que nunca é explicitada diretamente, mas que se insinua nas lacunas da narrativa. Nos silêncios que preenchem suas interações, nos gestos desconcertantes que ela faz sem ser compreendida, revela-se a dor de uma mulher que tenta desesperadamente construir um mundo onde possa habitar, mas que, ao mesmo tempo, a aprisiona.

Essa estética que a personagem cria ao seu redor não é apenas um reflexo de sua personalidade, mas uma tentativa de mascarar uma frustração existencial. O controle do ambiente e das relações, longe de ser um simples desejo de poder, representa um anseio por preencher um vazio que nunca pode ser preenchido. Dessa forma, o que Ellen tenta desesperadamente esconder é o seu próprio sofrimento interno, que, em sua busca incessante por perfeição, ela nunca consegue resolver, mas apenas amplificar. A tentativa de preencher essa ausência por meio do controle do que a rodeia é uma tentativa fútil de conformar a realidade a um ideal romântico impossível, que a narrativa deixa claro ser inalcançável. Portanto, ela busca uma beleza que promete redenção, mas que, na realidade, se revela como uma prisão.

“Harland was conscious of a deep intangible disturbance in him, an emotional anticipation like that which one may feel before the curtain rises at the opera, when the orchestra sets the key for the tragedy to follow. The night was fine, the moon was bright, Ellen was lovely and tender here beside him; yet there was a vibration in the very earth itself, transmitted from the rocks on which the long swells beat, which seemed to warn him that this sweet and stable world was insecure” (Williams, 2007, p. 117).

Então, a paisagem não serve apenas como um pano de fundo para os eventos da história, mas se torna um reflexo profundo da psicologia da personagem principal, onde os espaços que habita não são meros cenários, uma vez que se tornam partes fundamentais de sua própria identidade. A vastidão da natureza, que poderia sugerir liberdade ou expansão, na verdade, simboliza uma prisão expandida. Em vez de oferecer o alívio que Ellen busca, a paisagem amplia sua solidão. Cada paisagem que ela escolhe, desde as imponentes montanhas até os lagos, reflete

uma ausência de conexão, um eco de seu próprio vazio. A natureza ao seu redor, em vez de refletir sua busca por controle e perfeição, espelha seu fracasso em encontrar paz. Sua tentativa de submeter a natureza à sua vontade não faz com que ela se sinta mais integrada ao mundo, mas mais isolada e perdida.

No fundo, o que Ellen busca é escapar do abismo interno que a devora, mas ao tentar moldar o mundo exterior conforme seus próprios ideais, ela acaba criando uma realidade ainda mais isolante, onde sua busca por um amor perfeito e uma perfeição estética se transforma em uma armadilha. Ao tentar controlar os espaços e as relações ao seu redor, Ellen se distorce e se desintegra, assim como os ambientes que tenta dominar. A paisagem, em sua vastidão implacável, deixa de ser um refúgio e se transforma no espelho cruel de sua dor e frustração, refletindo o vazio profundo que ela carrega consigo. Em vez de representar liberdade ou alívio, a natureza amplifica sua prisão emocional, tornando-se um palco e espelho da falência de seu ideal romântico. Sua autodestruição não é apenas um desejo de controle, mas a tentativa fracassada de se encaixar em um ideal inalcançável, uma idealização que a narrativa, por meio da ambientação, deixa claro ser impossível.

4.3. A essência melodramática em *Leave Her To Heaven*

Desde os primeiros momentos, a narrativa destila uma essência melodramática, mergulhando de maneira profunda em temas como obsessão, possessividade e autodestruição. A trama se desenrola em um ambiente emocionalmente carregado, onde sentimentos extremos, quase incontroláveis, são o motor das ações dos personagens, conduzindo-os por um caminho inevitável de intensificação emocional. À medida que a história avança, observa-se como um desejo, inicialmente expressado de forma romântica e idealizada, se transfigura gradualmente em uma força avassaladora, que não apenas consome o indivíduo, mas também afeta de maneira destrutiva todos ao seu redor. Esse processo de transformação do afeto é uma característica central do melodrama, onde a razão frequentemente é subjugada pelos impulsos emocionais, empurrando os personagens para suas próprias tragédias por meio dessa tensão indomável.

Dentro desse contexto, Ellen, como uma verdadeira protagonista melodramática, é consumida por suas próprias emoções. Sua obsessão por Richard, que começa como uma paixão romântica, rapidamente se torna uma possessão doentia e destrutiva. Essa transformação é um

reflexo direto do melodrama, onde o desejo de controle e a busca por um amor idealizado se tornam forças imparáveis, que não apenas moldam as decisões da protagonista, mas também conduzem a narrativa para um caminho de ruína. O preço desta obsessão é pago com a perda de qualquer equilíbrio entre razão e emoção, levando a personagem a tomar decisões impulsivas e devastadoras, que agravam sua frustração interna e seu vazio existencial.

“He laughed, a great gust of laughter. ‘And you’re a regular Jezebel, of course,’ he cried, and braked the car to a stop and took her in his arms; and she whispered: ‘I’m jealous of anything that touches you, Richard! Of your garments, of the chair where you sit and the bed where you sleep and the ground you tread on!’ Her voice was hoarse and shaken, her eyes hot and burning; and he held her close, profoundly moved, whispering many reassurances” (Williams, 2007, p. 136).

A história, portanto, não apenas explora a busca de Ellen por um amor perfeito e absoluto, mas também revela como essa busca a aprisiona em um mundo ilusório, onde a perfeição estética se transforma em uma armadilha. Em vez de encontrar a realização, ela constrói uma realidade ainda mais alienante, marcada pela possessividade e pela dor emocional. A obsessão, que emerge de forma gradual, revela o custo do desejo de controle absoluto e a luta interna contra um vazio que nunca pode ser preenchido. Neste cenário, o espaço da narrativa se torna uma extensão da turbulência emocional de Ellen, refletindo sua busca incessante por perfeição e a tragédia inevitável que essa busca provoca. O melodrama, assim, vai além da exagerada manifestação das emoções, explorando como elas desmantelam a razão e a autoconsciência, colocando os personagens em um ciclo interminável de destruição.

A sua configuração estrutural é reforçada pela presença de um conflito moral central, elemento fundamental ao gênero melodramático. Na obra, a luta entre o bem e o mal não se dá de forma maniqueísta, mas se manifesta de maneira mais ambígua e interiorizada, como um embate entre o desejo e o dever, o impulso e a contenção, o amor idealizado e a realidade afetiva. Ellen encarna essa dualidade de forma intensa: sua devoção por Richard, que poderia ser lida como prova de um amor absoluto, revela-se como uma força autodestrutiva, ultrapassando os limites do que poderia ser considerado saudável ou ético. A ausência de uma racionalidade que contenha suas emoções a coloca em constante transgressão, não apenas das normas sociais, mas também dos limites morais que sustentam a convivência. Assim, o melodrama não apenas dramatiza os conflitos, mas desnuda as zonas de fratura e ambivalência do sujeito, ao mesmo tempo em que faz uma crítica profunda à idealização do amor romântico.

Outro aspecto que insere o romance na tradição melodramática é sua estrutura narrativa, que se baseia na revelação progressiva e nos picos emocionais. A tensão é construída de maneira quase musical, alternando entre momentos de aparente estabilidade e explosões dramáticas que alteram completamente o curso dos acontecimentos. O romance se organiza em torno de clímax emocionais, como a cena no lago com Danny ou a deterioração da relação entre Ellen e Richard, que marcam o colapso emocional da protagonista. Essa escalada de intensidade, aliada a uma lógica interna que privilegia a emoção sobre a causalidade estrita, caracteriza a estrutura do melodrama como um sistema narrativo de excessos: excessos de sentimento, de gestos, de consequências. Cada ação de Ellen carrega um peso simbólico que transcende a simples progressão da trama, contribuindo para um quadro geral de inevitabilidade trágica.

“Remember I told you I’d never let you go?” In sudden passion her arms tightened and her lips pressed his, and he was pulled off balance and down atop her, entangled in her arms, till the sense of being trapped ran through him like fire through dry grass, and in a rough, desperate haste he wrestled free and backed away, angry and revolted and half-afraid” (Williams, 2007, p. 204).

Outrossim, o romance recorre a figuras clássicas do melodrama, como a mulher atormentada e incompreendida, o homem dividido entre razão e paixão e a ideia de um destino que pune os desvios da norma afetiva. Contudo, *Leave Her to Heaven* subverte parcialmente essas convenções ao não oferecer uma redenção clara ou uma punição restauradora nos moldes tradicionais. A trajetória de Ellen, embora culminando em tragédia, não se resolve por meio de arrependimento ou do retorno à ordem. Em vez disso, sua morte não pacifica os personagens nem resolve as tensões abertas pela narrativa; ao contrário, deixa um rastro de ambiguidade e inquietação. Essa recusa em oferecer respostas fáceis ou reconciliações emocionais aponta para um melodrama mais moderno, em que os códigos clássicos são tensionados para explorar os limites da representação do afeto e da psicologia humana.

Em vista disso, a linguagem do romance não apenas complementa, mas também amplifica sua identidade melodramática. O estilo de Ben Ames Williams se distingue pela prosa sensorial e pelas descrições vívidas que mergulham o leitor nas profundezas emocionais das personagens. Cada cena, cada gesto, é intensamente pintado com imagens que transcendem a realidade cotidiana e se aproximam daquilo que é puramente psicológico e emocional. A escrita se aproxima da experiência sensorial de seus personagens, criando uma conexão visceral com seus estados de

espírito. As emoções, como a obsessão e o desejo, não são apenas relatadas, mas sentidas de forma quase palpável. Através dessas descrições, o romance permite que o telespectador consiga entrar no universo da trama, principalmente no de Ellen, onde o mundo exterior é filtrado e distorcido pelas suas angústias internas.

“His lips still moved, yet made no sound; his torrential thoughts would not form words — or the words could not be uttered. She lay so passive, and so altogether beautiful, and so completely to be desired; yet all her inwardness was black corruption, from the thought of which he shrank as from an unbearable stench. But he could not tell her so, could not tell her — whom once he had promised forever to cherish and to protect and to defend — that he abhorred her utterly” (Williams, 2007, p. 205).

Em adição, a linguagem do romance aprofunda ainda mais sua marca melodramática ao empregar a teatralidade para amplificar a experiência emocional dos personagens. Uma vez que, as ações e palavras de Ellen estão sempre imersas em simbolismo, transcendendo os simples eventos da história e ganhando um significado mais profundo. Cada gesto e olhar refletem sua busca incessante por um amor idealizado, que acaba se transformando em obsessão e autodestruição. Nesse contexto, a escrita se torna uma forma de encenação, em que as emoções e relações ganham vida em um palco dramático, onde a tragédia não se manifesta apenas nas ações, mas também nas palavras trocadas e nas cenas de tensão, que adquirem uma intensidade quase teatrais, revelando a complexidade emocional que permeia cada interação e ampliando o impacto da narrativa.

Frequentemente os diálogos são impregnados de um tom exagerado e performático, o que leva os personagens a encenar suas emoções de maneira constante. Essa sobrecarga emocional, muitas vezes em detrimento da lógica, acentua ainda mais a tragédia que permeia a história, tornando cada ação e palavra um reflexo de uma inevitável escalada emocional. Por consequência, o melodrama se constrói não apenas a partir da progressão da trama, mas também pela maneira como as emoções são expressas de forma amplificada. O romance de Ben Ames Williams, ao fazer uso desse estilo tão dramático, se distancia de uma narrativa que busca o realismo, abraçando em vez disso uma representação mais visceral da psique.

“He argued Ruth’s guilt not at all, seeming almost to concede her innocence, referring only twice, and then obliquely, to the charge against her. Once he cried: ‘[...] Whichever you believe, you’ve got to say his physical charms led to the taking of life, to suicide or to murder. But look at him! He looks to you and me not greatly different from other men! He has the same number of features; two ears, two eyes, a nose, a mouth! What is this

mysterious attribute which he possesses, and which makes him thus irresistible to women?’ And at a later stage of his argument he shouted: ‘He accuses his dead wife of murdering his brother, and admits his own connivance in that murder! Well, I accuse him of conniving not only in that murder, but also in this one!’” (Williams, 2007, p. 369).

Ao final, *Leave Her to Heaven* oferece uma reflexão profunda sobre as complexidades do desejo humano e suas consequências devastadoras. A obra não apenas traça uma jornada por meio da obsessão e da possessividade, mas também revela os limites da idealização do amor romântico. Através da figura de Ellen, o romance expõe a fragilidade da razão diante de emoções desbordantes, desafiando as convenções do melodrama clássico. Ao invés de seguir uma trajetória onde redenção ou punição final trazem clareza, a história deixa uma marca indelével de ambiguidade, ressaltando tensões psicológicas que não podem ser facilmente resolvidas. Dessa forma, a obra de Ben Ames Williams se destaca por seu uso do melodrama, como uma lente para explorar os dilemas profundos e universais da condição humana.

Com uma linguagem visceral e uma estrutura narrativa que prioriza a emoção sobre a razão, o romance se configura como um exemplo tanto clássico quanto moderno do gênero melodramático. A tragédia de Ellen, movida por sua busca desesperada e incontrolável por um amor perfeito, revela como as emoções podem tanto iluminar quanto destruir, conduzindo os personagens a uma espiral de autossabotagem. Ao manter fidelidade aos elementos do melodrama, mas subvertendo seus códigos tradicionais, a obra cria uma reflexão intensa sobre as complexas interações entre afeto, moralidade e psique humana. Assim, o romance não apenas encerra com uma tragédia inevitável, mas também provoca a reflexão sobre as forças invisíveis que moldam os sentimentos e as ações humanas.

Considerando a intensidade afetiva e a estrutura melodramática que articulam as complexas relações entre sentimento, moralidade e psique em *Amar foi minha ruína*, torna-se fundamental expandir o foco para sua reconfiguração em outra esfera artística. O cinema, em sua condição audiovisual e intersemiótica, oferece um espaço singular para a reinvenção do melodrama, possibilitando que suas convenções sejam apropriadas e ressignificadas por meio de processos estéticos, culturais e ideológicos. Dessa maneira, a adaptação cinematográfica ultrapassa a simples transposição do texto literário, constituindo-se como um ato criativo que amplia e renova as possibilidades expressivas do gênero melodramático.

5. A DINÂMICA DA ADAPTAÇÃO E DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Neste contexto, os processos de adaptação cinematográfica configuram-se como procedimentos que extrapolam a mera transposição entre meios distintos, assumindo um papel ativo na recriação e transformação das obras originais. Tais processos envolvem decisões estéticas, culturais e ideológicas que reconfiguram conjuntos narrativos e expressivos do texto de origem, adequando-os às especificidades do meio audiovisual e suas particularidades técnicas e discursivas. Dessa maneira, as adaptações constituem gestos criativos capazes não apenas de reproduzir, mas também de ampliar e ressignificar os materiais originais, estabelecendo redes de sentidos e possibilidades interpretativas no âmbito do melodrama. Por meio dessas práticas, promovem-se dinâmicas que contribuem para a vitalidade e longevidade do gênero, favorecendo seu diálogo com diferentes públicos e contextos culturais. Ademais, evidencia-se a capacidade do cinema em reformular tradições artísticas por meio de processos contínuos de transformação e inovação estética.

Conforme propõe a professora canadense Linda Hutcheon em sua obra *Uma teoria da adaptação* (2011), adaptar deve ser compreendido como um gesto criativo que vai além da simples transposição de uma história de um meio para outro. Trata-se de um processo interpretativo complexo, no qual uma narrativa já existente é recriada por meio de uma nova linguagem, capaz não apenas de traduzir elementos formais e narrativos, mas de ressignificá-los segundo as especificidades do novo meio. Essa recriação considera ainda as particularidades de um público distinto daquele da obra original, situando-se em um novo contexto histórico-cultural e orientando-se por finalidades próprias. Dessa forma, a adaptação não se limita a reproduzir conteúdos, mas transforma-os, reinterpretando a obra-fonte e abrindo espaço para novas possibilidades de leitura e compreensão.

“A dupla natureza da adaptação não significa, entretanto, que proximidade e fidelidade ao texto adaptado devam ser o critério de julgamento ou o foco de análise. Por muito tempo, a “crítica da fidelidade”, como ficou conhecida, foi a ortodoxia analítica dos estudos de adaptação, especialmente quando estes lidavam com obras canônicas como as de Pushkin ou Dante” (Hutcheon, 2011, p. 28).

Nesse movimento, o adaptador não atua como um simples tradutor neutro, encarregado apenas de transpor conteúdos de uma linguagem para outra, mas se posiciona como um sujeito criador, um agente ativo na reelaboração da obra-fonte. Sua ação implica um envolvimento

profundo com os materiais originais, que são não apenas preservados, mas também reconfigurados à luz de novas perspectivas estéticas, culturais e históricas. Ao lidar com a memória cultural e textual do material de origem, o adaptador realiza escolhas conscientes e significativas, o que incluirá não apenas o que será mantido ou eliminado, mas também como certos elementos serão enfatizados, subvertidos ou reinventados. Essas decisões operam como camadas de leitura que revelam sentidos latentes, reinterpretam símbolos e atualizam discursos para públicos contemporâneos.

Segundo Hutcheon, a adaptação deve ser vista como um processo dinâmico e multifacetado, que abrange tanto o produto final quanto a trajetória de escolhas que o compõem. Não se trata apenas do filme ou da obra adaptada em si, mas da série de decisões que envolvem a reinterpretação e a recriação do material original. A adaptação, nesse sentido, pode ser entendida como um processo de transcodificação, uma transformação de significados e formas, que vai da palavra à imagem, do som ao gesto, da linearidade narrativa à complexidade visual e simbólica. Hutcheon afirma que a adaptação é uma “intertextualidade explícita”, onde o novo texto carrega a presença do anterior de maneira visível e, frequentemente, desejada. Ao invés de adotar a fidelidade como critério de avaliação, a autora sugere que a análise da adaptação deve focar na sua própria dinâmica e funções, reconhecendo-a como uma experiência estética e cultural que vai além da mera cópia ou reprodução do original.

“Uma história pode nos ser contada ou mostrada, cada qual numa variedade de diferentes mídias. A perspectiva, e por conseguinte a gramática, no entanto, muda com o terceiro modo de engajamento; como membros do público, interagimos com as histórias, por exemplo, nas novas mídias da realidade virtual à machinima” (Hutcheon, 2011, p. 47).

A articulação entre a adaptação e o melodrama, dentro desse panorama, se apresenta como uma área expansiva para investigar as relações entre distintas formas artísticas e suas respectivas linguagens expressivas. Como é perceptível, o cinema, com sua natureza heterogênea e sua capacidade de transitar entre diferentes linguagens e mídias, é um espaço privilegiado para essa convergência de formas. A adaptação, ao transitar de uma mídia para outra, ao mesmo tempo em que se apropria de outras linguagens, também carrega consigo as características do melodrama, que se destaca pela intensa expressão emocional e moral, voltada para um público popular. Essa intersecção permite pensar o melodrama não apenas como um gênero, mas como uma sensibilidade que permeia diversas práticas narrativas. Assim, ao ser reconfigurado no processo adaptativo, o

melodrama pode ser ressignificado, ganhando novas camadas de sentido a depender da mídia de chegada. O cinema, nesse contexto, não apenas acolhe o melodrama como o reinventa, explorando recursos visuais, sonoros e performáticos que intensificam seus efeitos dramáticos.

O gênero, embora tenha raízes no teatro pós-revolucionário francês, consolida-se ao longo do tempo e estabelece, posteriormente, uma relação intrínseca com o meio cinematográfico, amplificando suas potencialidades de comunicação e afetividade por meio de excessos formais, emocionais e morais. O cinema, ao incorporar essa herança melodramática, transforma esses elementos em recursos expressivos que dialogam diretamente com o espectador, estimulando respostas afetivas intensas. Nesse cenário, a adaptação não é apenas uma transposição de conteúdos entre mídias, mas uma reconfiguração criativa que dialoga com essas tradições narrativas e sensoriais, ampliando a experiência estética e cultural do público contemporâneo. O melodrama, portanto, não se limita a uma estrutura narrativa rígida, mas se configura como um veículo para intensificar as relações emocionais e simbólicas entre o público e a obra adaptada, criando um espaço de interação profunda entre a linguagem visual e a carga afetiva da narrativa.

O melodrama, ao transitar para o cinema, fortalece seu caráter moralizante, transformando-se em um dispositivo estético que se articula através da dicotomia, da intensificação afetiva e da dramatização de dilemas éticos. Mais do que um gênero fixo, o melodrama se configura como uma estrutura narrativa e expressiva totalmente flexível, capaz de reorganizar as tensões entre o público e o privado, o desejo e a repressão, o individual e o coletivo. Sua efetividade reside na habilidade de dramatizar conflitos humanos profundos, frequentemente abordando questões familiares, sentimentais ou identitárias, mas sempre dentro de um discurso moral. A “imaginação melodramática”, conceito central da crítica especializada, é o que possibilita ao melodrama construir sistemas de significados fundamentados em oposições binárias, como vítimas e vilões, virtudes e vícios, sofrimento e redenção. Essa imaginação permeia não apenas a trama, mas também a *mise-en-scène*⁶, que engloba a performance dos atores, a iluminação, a música, a montagem e todos os componentes que compõem o aparato cinematográfico, criando uma experiência sensorial e emocional imersiva para o público.

“Flexível, capaz de rápidas adaptações, o melodrama formaliza um imaginário que busca sempre dar corpo à moral, torná-la visível, quando esta parece ter perdido os seus

⁶ Termo francês que designa a composição visual e a encenação de uma cena no teatro ou no cinema. Engloba a disposição dos atores, cenários, iluminação, figurinos e demais elementos visuais que, em conjunto, constroem a atmosfera, o significado e o impacto emocional da narrativa.

alicerces. Prove a sociedade de uma pedagogia do certo e do errado que não exige uma explicação racional do mundo, confiando na intuição e nos sentimentos “naturais” do individual na lida com dramas que envolvem, quase sempre, laços de família” (Xavier, 2000, p. 85).

Diante da complexidade expressiva do melodrama e de sua capacidade de articular múltiplas camadas simbólicas, torna-se necessário um olhar analítico que vá além da simples identificação temática ou estilística. Compreender como os elementos melodramáticos operam dentro do discurso cinematográfico exige uma abordagem atenta às escolhas estéticas e narrativas que constroem o sentido da obra. Nesse contexto, a análise fílmica surge como uma ferramenta fundamental para desvendar os mecanismos internos que sustentam a expressividade melodramática. É a partir da decomposição minuciosa dos elementos audiovisuais que se pode apreender como o melodrama se manifesta no cinema, não apenas como conteúdo, mas como forma.

Neste ponto, a análise fílmica, conforme formulada por Anne Goliot-Lété e Francis Vanoye em sua obra *Ensaio sobre a análise fílmica* (2002), surge como um recurso fundamental para compreender a construção de sentido no cinema. Para os autores, analisar um filme vai além de simplesmente observá-lo, trata-se de desmontá-lo e reconstruí-lo criticamente. Isso implica decompor seus elementos constitutivos, como planos, sons, movimentos, atuações e efeitos, e, a partir dessa decomposição, buscar compreender de que modo esses elementos se articulam entre si para produzir significados. Ademais, a análise fílmica não é um exercício neutro, ao contrário, ela pressupõe um posicionamento diante do objeto e requer um método que una a descrição rigorosa à interpretação sensível. Segundo Vanoye e Goliot-Lété, esse processo tem início com uma “impressão” que, por sua vez, orienta a formulação de hipóteses interpretativas a serem desenvolvidas ao longo da análise. Assim, não se trata de reduzir o filme a seus aspectos técnicos, mas de entender como esses procedimentos contribuem para a construção de sentido dentro da narrativa cinematográfica.

“Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme, que, aliás, pode trazer prazeres específicos: desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor” (Vanoye e Goliot-Lété, 2002, p. 12).

Essa abordagem é particularmente relevante ao se tratar de adaptações melodramáticas, pois o melodrama trabalha com efeitos altamente codificados e sensoriais, cujo impacto depende do

modo como são construídos visual e sonoramente. O *close-up*, por exemplo, que concentra o olhar do espectador em uma expressão facial específica, pode ser lido como uma estratégia melodramática de intensificação emocional. A música que faz parte da ação representada ou que a acompanha de fora, quando associada a cenas de tensão ou afeto, contribui para o reforço da moralidade ou da ambiguidade da cena. A montagem alternada, ao contrastar espaços ou tempos distintos, sugere simultaneidade ou conflito, ampliando o drama de maneira narrativa e simbólica. Analisar essas estratégias significa, portanto, interpretar os recursos expressivos do filme em sua relação com o conteúdo narrativo e os códigos culturais mobilizados.

Ao mesmo tempo, a análise fílmica exige situar o filme em sua história, tanto do ponto de vista técnico como estético. Como destacam os autores, cada obra carrega marcas de uma tradição cinematográfica e dialoga com formas herdadas ou reinventadas. O cinema não nasce com uma linguagem fixa, mas a constrói ao longo do tempo, entre continuidades e rupturas. O melodrama, nesse sentido, tem um papel ambíguo, ao mesmo tempo em que cristaliza fórmulas reconhecíveis, também permite subversões e atualizações. Sua plasticidade estética o torna especialmente adequado às adaptações, pois funciona como um “amplificador simbólico” das narrativas recontadas. Quando um romance é adaptado em chave melodramática, por exemplo, seu conteúdo é capaz de ganhar novas camadas de sentido por meio da intensificação visual e emocional promovida pelo cinema.

“O cinema high tech tem demonstrado exatamente isto, a capacidade de aliar técnica supermoderna e mitologia, mostrando que visualidade e “valor de exibição” são premissas fundamentais para a eficácia do gênero [...] No universo mais geral da mídia, dada a volatilidade dos valores, a vitalidade do melodrama se apóia em sua condição de lugar ideal das representações negociadas (em todos os sentidos do termo)” (Xavier, 2000, p. 89).

Outro ponto de interseção entre os três campos que regem a adaptação, o melodrama e a análise dizem respeito ao estatuto simbólico do filme. Os autores Goliot-Lété e Vanoye propõem que, para além do sentido literal da narrativa, muitos filmes operam com estruturas simbólicas que exigem uma leitura aprofundada. Essa simbologia pode ser construída por elementos visuais, sonoros ou narrativos que remetem a um universo mais amplo, cultural ou inconsciente. O melodrama, nesse caso, é exemplar, ele frequentemente utiliza arquétipos, metáforas visuais e situações moralmente carregadas para propor leituras que extrapolam o enredo imediato. A leitura

simbólica não é uma imposição arbitrária do intérprete, mas uma resposta às pistas lançadas pelo próprio filme, que sugere, por meio da forma, que algo mais está sendo dito além do que se mostra.

“Uma análise mais profunda conduziria a combinar o estudo dos fatos internos ao filme (roteiro, aspectos formais) com informações externas sobre as condições de produção, o projeto [...], o filme preenche uma função na sociedade que o produz: testemunha o real, tenta agir nas representações e mentalidades, regula as tensões ou faz com que sejam esquecidas” (Vanoye e Goliot-Lété, 2002, p. 58).

Nesse contexto, a adaptação ultrapassa a mera recontagem, configurando-se como um gesto hermenêutico e político. Hutcheon destaca que, ao realizar uma adaptação, o autor não se limita a recuperar uma história preexistente, mas a reinscreve em novos contextos, incorporando diferentes intencionalidades. Dessa forma, tanto a adaptação quanto o melodrama funcionam como formas de historicização, capazes de revelar, por meio de escolhas narrativas e estéticas, as tensões, valores e desejos característicos do tempo presente. Adaptar uma obra, portanto, não significa apenas transferi-la de um meio para outro, mas reimaginá-la à luz das condições específicas de produção e recepção contemporâneas, considerando as transformações culturais e sociais que influenciam sua nova configuração. O melodrama, por sua vez, ao trabalhar com afetos intensos e estruturas morais arquetípicas, potencializa essa reimaginação, tornando-a sensorialmente envolvente e emocionalmente impactante, ao estabelecer conexões profundas com o por meio de uma linguagem estética própria.

A análise fílmica, ao considerar essas diversas dimensões, permite ao pesquisador ir além da superfície do texto audiovisual. Ela possibilita entender como os filmes constroem significados a partir de uma combinação singular entre forma e conteúdo, técnica e ideologia, emoção e racionalidade. Além disso, evidencia que a adaptação, enquanto operação estética, encontra no melodrama um parceiro expressivo privilegiado, capaz de mobilizar a sensibilidade do espectador e, ao mesmo tempo, revelar as estruturas sociais, políticas e culturais que atravessam o cinema em sua materialidade concreta. Dessa forma, a análise se torna um instrumento essencial para desvelar as múltiplas camadas de sentido presentes na obra, abrindo espaço para uma reflexão crítica sobre as relações entre arte, sociedade e história.

6. AQUÉM DOS OLHOS, ALÉM DE *A VIDA INVISÍVEL*

Fundamentando-se nas discussões teóricas sobre a dinâmica da adaptação e da tradução intersemiótica, impõe-se a necessidade de aprofundar a análise das transformações que se operam na transposição de obras literárias para o campo cinematográfico. A análise fílmica, ao investigar as complexas relações entre forma e conteúdo, bem como as interações entre técnica e ideologia, revela como o cinema não apenas reinterpreta o texto original, mas o amplia em suas dimensões estética, social e cultural. Nesse contexto, o filme *A Vida Invisível* (2019), configura-se como um exemplo paradigmático da capacidade do meio audiovisual de traduzir e intensificar narrativas marcadas por afetos profundos, tensões emocionais e dilemas morais, ao mesmo tempo em que expõe as opressões sutis que atravessam a experiência feminina em um determinado momento histórico.

Dirigido por Karim Aïnouz, a produção fílmica emerge como um notável exemplo da capacidade do cinema em traduzir e amplificar narrativas marcadas por intensos afetos, profundas tensões emocionais e complexos conflitos morais. Esta obra, baseada no romance de Martha Batalha (2016), oferece uma releitura cuidadosa e sensível da jornada de duas irmãs cujas vidas são drasticamente separadas e, de certa forma, silenciadas pelas estruturas patriarcais da sociedade brasileira dos anos 1950. A narrativa do filme não se limita a expor as desigualdades e as restrições impostas às mulheres naquele período, ela se aprofunda nas sutilezas da opressão que se manifesta de forma quase imperceptível no cotidiano, revelando como a falta de voz e autonomia molda existências de maneira dolorosa e invisível aos olhos do público.

A adaptação cinematográfica de Aïnouz vai além da mera transposição do enredo e dos personagens do romance para a tela. Ela se configura como um processo complexo e delicado de reinterpretação estética e narrativa, no qual os recursos intrínsecos à linguagem audiovisual são habilmente utilizados. O filme reorganiza acontecimentos, relações e ambientes, forjando uma experiência sensorial profunda que transcende o texto original. A escolha consciente da estética do melodrama contribui significativamente para potencializar o impacto emocional da história, permitindo que o espectador se conecte não apenas com os eventos narrados, mas, de maneira ainda mais profunda, com as emoções e as tensões internas das personagens. Dessa forma, *A Vida Invisível* não só ressignifica a obra literária, como também expande sua dimensão simbólica, conferindo visibilidade a uma opressão histórica que, por demasiado tempo, permaneceu à margem do reconhecimento.

Na estrutura narrativa do filme, o conjunto de roteiristas opta por uma abordagem mais focada e não linear, concentrando-se predominantemente na dimensão afetiva da separação entre as irmãs Eurídice e Guida. O olhar cinematográfico é delicadamente direcionado para a construção de um universo intimista, onde o não dito, os silêncios carregados de significado, os gestos sutis e a expressividade dos corpos tornam-se os principais tradutores dos conflitos internos e sociais vivenciados pelas personagens. Essa escolha resulta na criação de uma atmosfera estética e emocional que intensifica a dor, o isolamento e o afeto interrompido. Além disso, essa focalização permite que o espectador experimente de maneira mais visceral as nuances da opressão patriarcal, percebendo como essas vivências moldam e limitam as trajetórias individuais de cada irmã dentro do espaço restrito da sociedade da época.

O melodrama, nesse contexto, emerge como o principal operador expressivo da adaptação. A obra cinematográfica condensa a narrativa, estabelecendo o elo afetivo entre as irmãs Eurídice e Guida como o eixo dramático fundamental. Conforme aponta Ismail Xavier (2000), o melodrama estrutura-se pela intensificação emocional, pela oposição moral e pela dramatização dos dilemas familiares, elementos que Karim Aïnouz mobiliza com maestria para reimaginar a trajetória das protagonistas sob uma perspectiva eminentemente sensorial. A utilização da iluminação, dos planos fechados que capturam a intimidade, da trilha sonora lírica e dos silêncios prolongados, transforma a experiência narrativa em um campo de sensações e afetos compartilhados com o espectador, amplificando o impacto emocional da história narrada.

A representação de Eurídice no filme a posiciona em sua clausura, mas também em sua inquestionável força emotiva. Embora sua resistência não se verbalize como uma denúncia explícita, a obra cinematográfica decide privilegiar a interiorização dos afetos através da imagem e do som. Essa escolha estética não só reflete a dor e a luta silenciosa da personagem, mas também ressalta a complexidade de sua resiliência em um ambiente opressor, onde a capacidade de expressar-se livremente é limitada. O silêncio, nesse contexto, torna-se um gesto de sobrevivência e uma linguagem própria, carregada de tensão e significado. De forma que, a ausência de palavras é compensada por uma expressividade corporal e sensorial que amplia a densidade emocional da narrativa fílmica.

A estética melodramática de *A Vida Invisível* não se limita a intensificar o enredo emocional, ela se constitui, igualmente, como uma contundente forma de denúncia social. Por meio de uma *mise-en-scène* meticulosa, Aïnouz constrói uma representação sensível das violências simbólicas,

das hierarquias de gênero enraizadas e da naturalização da opressão no ambiente doméstico. Decisões formais e conteudistas, como as transições temporais lentas, a centralidade do afeto e a atenção minuciosa às texturas do cotidiano, convergem para a criação de uma narrativa silenciosa, porém poderosa, sobre a invisibilidade feminina. Deste modo, o melodrama transcende sua função meramente estética para se transformar em uma linguagem crítica, capaz de converter a dor privada em matéria política.

A escolha de Aïnouz por uma abordagem melodramática revela-se fundamental para a profundidade da obra. O diretor emprega o melodrama não como um mero recurso de sentimentalismo, mas como uma ferramenta poderosa para explorar as complexas camadas emocionais e sociais que moldam a vida das personagens. Cada elemento da encenação, desde a paleta de cores até a composição dos planos, é cuidadosamente trabalhado para evocar uma resposta emocional e intelectual no espectador, transformando a tela em um espelho das aflições e das resistências silenciosas.

A obra cinematográfica demonstra inequivocamente a capacidade do cinema de transcender a mera superfície narrativa, mergulhando com maestria nas profundezas da experiência humana por meio de uma linguagem visual e sonora de rara riqueza. O filme de Karim Aïnouz não se limita a ser uma simples história sobre a opressão feminina nos anos 1950, ele se desdobra como um estudo perspicaz e comovente sobre a resiliência inabalável do espírito humano, a incessante busca por autonomia em um contexto de restrições severas, e a maneira como os laços afetivos mais profundos persistem e se fortalecem, desafiando as mais cruéis adversidades. É uma obra cinematográfica que ressoa intensamente com o público, não só pela sua honestidade emocional pungente, mas também pela sua representação vívida e dolorosamente precisa de um passado que, inegavelmente, continua a ecoar de forma marcante no presente.

6.1. A construção do sentido sobre a irmandade feminina na narrativa cinematográfica de *A Vida Invisível*

A adaptação cinematográfica da obra *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão, dirigida por Karim Aïnouz, define-se como um exemplar de reconfiguração narrativa originalmente concebida por Martha Batalha. No romance, a relação entre as irmãs Eurídice e Guida, ainda que central em termos afetivos, é abordada de maneira mais episódica, integrada a uma trama mais ampla que se

dedica a explorar a trajetória de Eurídice e as imposições estruturais que moldam sua experiência de vida. A adaptação fílmica, por sua vez, reorienta esse foco e centraliza o vínculo fraterno como o eixo emocional da narrativa, atribuindo-o uma função que se distancia daquela atribuída no romance. Assim, a separação das irmãs torna-se, não apenas um evento marcante, mas o cerne de uma história sobre relações afetivas, solidão e insubmissão.

Nesse sentido, enquanto o romance constrói uma narrativa mais fragmentária, mesclando tempos e focos diversos, a película adota essa não linearidade para reforçar a progressão emocional da separação e a impossibilidade de reconexão plena entre as irmãs. A linguagem cinematográfica empregada é profundamente sensorial, manifestando-se em planos fechados, silêncios prolongados e uma trilha sonora melancólica. Essa escolha formal, ao privilegiar a intimidade emocional e a densidade sensorial, permite que a narrativa fílmica produza uma imersão mais imediata na dor das protagonistas. Aïnouz ainda mobiliza os recursos do melodrama, como a trilha sonora lírica, os silêncios prolongados, os planos fechados e a delicadeza dos gestos, para traduzir aquilo que o texto literário constrói majoritariamente pelo viés do narrador onisciente.

No romance, as trajetórias de Eurídice e Guida se desenvolvem em uma intrincada construção paralela, na qual a expectativa do reencontro é sistematicamente adiada ou frustrada por uma sucessão de acontecimentos externos e demais obstáculos. Elementos como as cartas nunca entregues, os desencontros temporais e a fragmentação das memórias funcionam como dispositivos narrativos cruciais, que acentuam a impossibilidade de uma reconciliação física entre as irmãs. Contudo, a adaptação cinematográfica de Karim Aïnouz opera uma reconfiguração notável, ao transformar essa mesma impossibilidade na sua principal força expressiva e dramática. O elo passível de fraternidade entre Eurídice e Guida é, assim, mantido e intensificado por meio de uma complexa estrutura de lembranças compartilhadas que transcendem a barreira da presença física.

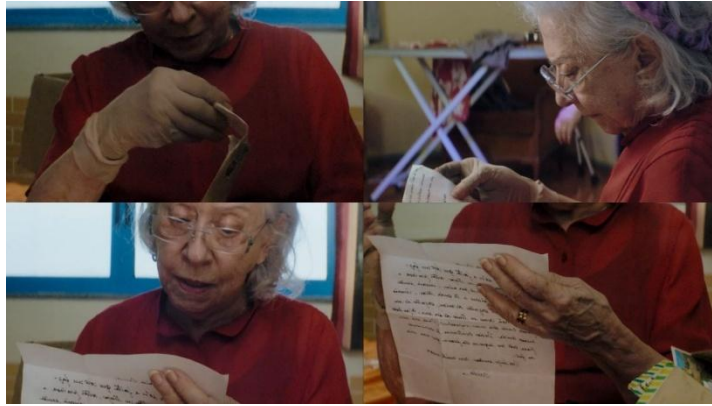
Essa escolha narrativa acentua a constituição de um elo simbólico entre as irmãs, mesmo diante da distância geográfica. Por meio da montagem e da *mise-en-scène*, o filme constrói uma intimidade que independe da convivência física. As lembranças compartilhadas, o carinho herdado da infância e os gestos interrompidos são reelaborados como formas de comunicação silenciosa. A conexão entre Eurídice e Guida transcende a barreira do tempo, convertendo-se em um testemunho do que poderia ter sido e não sido concretizado. A frustração decorrente dessa ausência alimenta

não apenas a dor, mas também a dimensão política do afeto feminino, que no filme é elevado à categoria de resistência contra uma sociedade que insiste em fragmentar e silenciar as mulheres.

No plano do romance, Guida encarna a mulher que ousa desafiar o modelo social e é por isso punida, enquanto Eurídice simboliza aquela que se adapta silenciosamente, embora internamente questione e resista. A obra literária oferece um panorama mais difuso das tensões entre as duas, permitindo ao leitor compreender a ausência de Guida como mais uma entre as múltiplas formas de dissolução das redes femininas sob a opressão familiar e social. No filme, contudo, essa dissolução é retratada como insuportável, experimentada como uma injustiça visceral, amplificada pelos recursos estéticos do melodrama. Embora o afeto seja negado entre as irmãs, essa carência torna-se um catalisador de dor e, paradoxalmente, de esperança.

O melodrama, amplamente explorado por Aïnouz, atua aqui não apenas como veículo de intensificação emocional, mas como linguagem crítica. A dor da separação entre as irmãs é dramatizada não para alimentar o sentimentalismo, mas para expor as consequências psíquicas e simbólicas do patriarcado sobre as subjetividades femininas. Ao mobilizar uma estética sensível, que se ancora na imagem, no som e na corporalidade, o cineasta transforma o sofrimento privado em matéria política. O que, na obra literária, surge com maior descrição e recuo, ganha no filme uma centralidade que amplia a força simbólica do afeto negado.

A carta que Guida escreveu a Eurídice, um recurso narrativo proeminente no desfecho cinematográfico, funciona como uma contraparte ao ato de escrita de Eurídice no romance. Enquanto no livro a elaboração de uma obra sobre a invisibilidade permite à personagem construir sua própria narrativa e afirmar sua existência, no filme, a leitura da carta representa uma abertura tardia, mas profundamente catártica, para a expressão de um afeto há muito interrompido (ver Fragmento 1). Ambos os gestos, embora distintos em sua forma e autoria, convergem em seu significado intrínseco sobre a tentativa de reescrever a história a partir da perspectiva feminina, de resgatar o que foi silenciado e de tornar visível aquilo que, de outra forma, teria sido apagado.



Fragmento 1: Cena do filme *A vida invisível* (2019).

Portanto, a reconfiguração do foco narrativo na adaptação não representa apenas uma simplificação ou condensação do material original, mas uma reinterpretação estética e política da obra. Ao centralizar a relação entre Guida e Eurídice, o filme acentua os laços femininos como forças de resistência simbólica. A ausência torna-se presença, o silêncio se converte em linguagem, e o afeto, mesmo mutilado, adquire potência transformadora. Em *A Vida Invisível*, o cinema não apenas traduz o texto literário, mas o radicaliza ao fazer do afeto entre mulheres o núcleo da narrativa, reitera que, mesmo entre silêncios e distâncias, há sempre uma possibilidade de luta e de memória.

6.2. A centralidade da subjetividade feminina na poética cinematográfica de Karim Aïnouz

Longe de se limitar à transposição do enredo literário, a adaptação cinematográfica de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* distingue-se por seu investimento em uma linguagem sensorial que mobiliza os recursos audiovisuais, tais como o som, o silêncio, os enquadramentos e o ritmo, para construir uma experiência imersiva que privilegia a vivência emocional em detrimento da exposição discursiva. Nesse contexto, a expressividade das personagens femininas, em especial de Eurídice, não se manifesta prioritariamente por meio da linguagem verbal, mas por um regime estético que articula o imagético, o sonoro e o silencioso. Trata-se de uma escolha formal que desloca a centralidade tradicional da palavra enquanto principal parte da estrutura de significação, abrindo espaço para a enunciação de uma interioridade que, historicamente, foi negada às mulheres, ou seja, a possibilidade de expressar a própria existência.

A pertinência do silêncio, frequentemente associado à passividade ou submissão, adquire no filme de Aïnouz uma densidade simbólica. Os silêncios prolongados que permeiam a narrativa não se configuram como vazios, mas como espaços densamente carregados de afeto e tensão. Eles expressam, com uma intensidade que supera a verbalização, o peso das convenções sociais, da repressão emocional e da dor intrínseca às personagens. Para Eurídice, cuja existência é delineada pela clausura doméstica e pela negação constante de seus desejos, o silêncio emerge como uma possibilidade, sendo uma forma mais legítima da sua própria resistência. É nesta não-verbalização que ela habita e se faz ouvir.

Essa estratégia cinematográfica do diretor sustenta a edificação de uma narrativa que privilegia a experiência interior feminina, recusando as formas tradicionais de exposição direta ou verbal. Em contraste com a linguagem literária do romance, que permite ao leitor acesso direto aos pensamentos de Eurídice por meio de uma narração onisciente, a película opta por veicular essa mesma introspecção de um modo intrinsecamente corporal e visual. Gestos contidos, olhares desviados, a repetição quase mecânica das tarefas domésticas, todos esses elementos se convertem em indícios de uma vida emocional reprimida, porém pulsante. A corporalidade da personagem, interpretada pela atriz Carol Duarte, torna-se fundamental nesse processo de transposição, traduzindo com sutileza a opressão interiorizada sem jamais explicitá-la verbalmente.

Adicionalmente, a trilha sonora assume um papel crucial na articulação das emoções que as personagens se veem impedidas de nomear. A seleção de composições melancólicas e envolventes contribui para a criação de uma atmosfera afetiva que dialoga diretamente com o espectador, propiciando uma identificação que é menos racional e mais sensível. A música, à semelhança do silêncio, transforma-se em linguagem e em uma forma de expressar o indizível e de narrar as camadas emocionais que o roteiro deliberadamente opta por não explicitar. Em momentos-chave da narrativa, a trilha sonora atua como um prolongamento do corpo feminino, ecoando as dores, as frustrações e os sonhos desfeitos.

Os planos fechados, recurso amplamente explorado pela equipe cinematográfica, corroboram a construção dessa intimidade emocional. Ao privilegiar os rostos das personagens, suas expressões mínimas e microgestões, o diretor convida o espectador a compartilhar o espaço de clausura. A câmera não apenas observa, pois participa do confinamento, do sufocamento e, também, da beleza melancólica de uma resistência silenciosa. Essa proximidade visual não apenas estreita a relação do público com a experiência feminina, mas também subverte a lógica da

objetificação, onde os corpos femininos não são expostos para o deleite, mas para revelar sua profunda densidade subjetiva e política.

A *mise-en-scène*, por sua vez, é meticulosamente elaborada para reforçar a opressão espacial vivenciada por Eurídice. A decoração dos ambientes, os corredores estreitos, a iluminação natural filtrada por janelas e cortinas — todos esses elementos compõem um cenário que é simultaneamente belo e opressivo. Configura-se uma estética da delicadeza que, contraditoriamente, abriga uma violência simbólica que insiste no apagamento da mulher, da limitação de seus movimentos e desejos. Essa estética do confinamento dialoga intrinsecamente com a experiência de invisibilidade que confere título à obra, elevando o espaço doméstico de mero pano de fundo a um agente ativo da narrativa.

A transposição da introspecção de Eurídice do romance para o filme, da digressão narrativa e dos comentários do narrador para a imagem e o som, exige uma reconfiguração dos modos de representar a interioridade. Se a literatura permite o acesso direto ao pensamento, o cinema, por sua vez, demanda que esse pensamento seja performado. A atriz precisa “pensar com o corpo”, e o diretor deve criar um ambiente que acolha essa performance sem didatismo. A introspecção, portanto, transcende a categoria de dado psicológico, tornando-se uma expressão estética.

Essa transformação não implica uma perda de complexidade, mas sim uma reinterpretação enriquecedora. Longe de simplificar a personagem, o filme amplia sua dimensão simbólica ao enfatizar os elementos sensoriais que marcam sua experiência. As ambivalências e inquietações internas de Eurídice, tão presentes no romance, são no filme dramatizadas em gestos, silêncios e enquadramentos. Dessa forma, o espectador não apenas compreende o que Eurídice sente, mas sente com ela, em uma experiência imersiva e profundamente afetiva.

Dessa forma, a estética sensorial de *A Vida Invisível* funciona como uma ferramenta sofisticada para a tradução da subjetividade feminina, recusando tanto a espetacularização do sofrimento quanto a verbalização excessiva. Ao investir em silêncios, sonoridades melancólicas e imagens intimistas, Karim Aïnouz constrói uma linguagem que respeita o não-dito das personagens e transforma o invisível em presença sensível. Esta abordagem reafirma o cinema como um espaço potente para a escuta do que não pôde ser dito, e como um meio eficaz de dar forma a uma experiência feminina marcada pelo apagamento, mas também pela resistência silenciosa e transformadora.

6.3. A presença do melodrama como gênero e estrutura crítica na adaptação cinematográfica

Entre os muitos caminhos possíveis para a adaptação cinematográfica de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, Karim Aïnouz opta por um percurso estético marcado pela intensidade emocional e pelo engajamento político. Longe de recorrer ao melodrama como simples recurso estilístico ou sentimental, o diretor assume o gênero melodramático como estrutura narrativa central, além de mobilizar o gênero como linguagem crítica, sendo capaz de revelar as estruturas de opressão que moldam a vida das mulheres em um Brasil patriarcal e conservador dos anos 1950. Elementos tradicionais do gênero, como o sofrimento familiar, a moralidade exacerbada e os conflitos entre autoridade e desejo, são rearticulados de modo a compor uma poética da dor feminina, na qual o íntimo torna-se expressão do coletivo. Em consonância com as reflexões de Xavier (2000), o filme compreende o melodrama como forma que dramatiza eticamente os dilemas da vida privada, mas vai além transformando-o em instrumento de visibilização e denúncia do apagamento histórico das subjetividades femininas.

Ao contrário de uma interpretação que associa o melodrama a um excesso desprovido de crítica, o filme se insere em uma tradição que compreende o gênero como uma linguagem da opressão e da injustiça. Nesse sentido, o excesso emocional, longe de ser um fim em si mesmo, converte-se em um instrumento de visibilização da dor feminina silenciada. A câmera detém-se sobre os rostos aflitos, os corpos confinados e os gestos interrompidos, não para promover o espetáculo do sofrimento, mas para construir uma experiência estética que demanda a empatia ativa do espectador (ver Fragmento 2). O melodrama, portanto, se torna mais politizado, expondo o emocional como campo de disputa simbólica, de forma que o íntimo seja transversalmente atravessado por estruturas sociais normativas.



Fragmento 2: Cena do filme *A vida invisível* (2019)

A estratégia de Karim Aïnouz difere significativamente da abordagem adotada por Martha Batalha no romance original. Na obra literária, prevalece um tom irônico e distanciado, frequentemente sustentado por uma narração que oscila entre o cômico e o melancólico. Essa ambivalência atua como uma crítica indireta às estruturas patriarcais, ao mesmo tempo em que serve como uma proteção discursiva contra o envolvimento sentimental direto. A ironia opera, nesse contexto, como um filtro, permitindo ao leitor apreender as contradições sociais e observar, com certo afastamento, as tragédias cotidianas que marcam a vida das personagens. No entanto, no filme, esse distanciamento é radicalmente superado em favor de um mergulho afetivo na dor. O espectador não se mantém como um observador externo, ele participa, sente e compartilha a opressão junto às protagonistas.

Esse movimento em direção à intensificação emocional não implica, contudo, uma perda de complexidade crítica. Pelo contrário, é precisamente a amplificação sensorial do sofrimento que permite ao filme comunicar as dimensões estruturais da violência de gênero. A clausura de Eurídice, a separação irreparável entre as irmãs e a constante negação de agência às personagens femininas não são meros dramas individuais, mas sintomas de um sistema que naturaliza o silenciamento das mulheres. O melodrama, neste caso, funciona como um exagero necessário, uma estética que potencializa o que é socialmente abafado, conferindo forma e visibilidade ao que, por muito tempo, foi relegado à esfera do indizível.

Essa dimensão crítica do melodrama manifesta-se também nas escolhas formais da *mise-en-scène*. A iluminação suave e filtrada, os espaços domésticos densamente decorados, a trilha sonora lírica e os silêncios prolongados compõem um ambiente que, ao mesmo tempo em que é esteticamente belo, evidencia a prisão simbólica das personagens. A beleza torna-se, de forma antagônica, uma expressão da violência, na qual a harmonia do espaço oculta a brutalidade das normas sociais que o regem. Essa contradição é central para a potência crítica do filme, demonstrando que o mundo das aparências femininas, construído para agradar e conformar, é também um espaço de aniquilamento subjetivo.

Nesse processo, o corpo feminino emerge como um texto onde se inscrevem as marcas da opressão. Diferentemente do romance, em que o leitor acessa diretamente os pensamentos das personagens, o filme exige que o espectador interprete os gestos, os silêncios e os olhares. A ausência de verbalização explícita reforça a centralidade da performance corporal como forma de resistência. O corpo sofre, mas também comunica. Essa ênfase no corpo como suporte expressivo dialoga com o projeto melodramático de conferir densidade política à experiência afetiva. Dessa forma, o diretor, ao empregar o melodrama de maneira autoconsciente, realiza uma operação que se alinha a tendências contemporâneas do cinema engajado, onde recusa tanto o distanciamento analítico quanto o sentimentalismo vazio. Em vez disso, constrói um espaço de afetação crítica, onde o espectador é interpelado não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente. Tal escolha reforça a tese de que o cinema, especialmente o que se aplica ao gênero melodramático, pode constituir-se como um território onde a dor privada se converte em matéria pública.

Em suma, o melodrama em *A Vida Invisível* opera como uma forma de resistência estética e discursiva. Ele não suaviza a realidade vivida pelas personagens, tampouco a transforma em espetáculo. Ao contrário, ele dramatiza com radicalidade aquilo que, na literatura, surgia com mais moderação, a corrosão das subjetividades femininas em um mundo normatizado pela autoridade masculina. Ao tornar essa dor visível e palpável, o filme transforma a narrativa íntima em denúncia coletiva. A experiência feminina deixa de ser marginal para ocupar o centro, e a emoção, tão frequentemente desvalorizada como irracional, é elevada à condição de ferramenta política.

6.4. A reinvenção do feminino na adaptação de *A Vida Invisível*

Muito além da simples recontagem de uma história, a adaptação de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* propõe um deslocamento sensível na forma como as experiências femininas são inscritas na narrativa. Ao transitar da palavra escrita do romance de Martha Batalha para a linguagem visual e sonora do cinema, a obra dirigida por Karim Aïnouz reformula não apenas a trama, mas também os modos de enunciação possíveis para suas personagens. Nesse processo, aquilo que no texto literário se realiza por meio da escrita e da metalinguagem, sobretudo na figura de Eurídice, é transposto para uma lógica de afeto, gesto e memória. Trata-se de um deslocamento significativo, no qual a autoria deixa de ser monopólio do discurso racional para ser distribuída por formas sensoriais, sutis e silenciosas de expressão. O cinema, assim, constitui um meio de reinscrever a mulher no espaço simbólico, não mais por meio da palavra organizada em livro, mas pela persistência do afeto enquanto resistência.

No plano literário, a escrita de Eurídice configura-se como um gesto de resistência e apropriação simbólica. Ao redigir um livro sobre mulheres invisíveis, ela se insurge contra a marginalização social que vivencia cotidianamente. Trata-se de um movimento de autorreflexividade e de reivindicação de um lugar de fala. A escrita, nesse contexto, não é apenas registro, mas afirmação existencial. Através do exercício da autoria, a personagem contrapõe-se ao silenciamento imposto pelas normas patriarcais e propõe uma alternativa simbólica à sua condição de invisibilidade. A literatura, portanto, torna-se um espaço de emancipação, ainda que restrito ao plano da interioridade.

O filme, contudo, altera significativamente essa dinâmica de agência autoral, pois não é Eurídice quem escreve o livro, mas Guida⁷. Essa inversão não apenas desloca a agência narrativa, mas também reformula o próprio significado da autoria. Em lugar da escrita elaborada e racional de um texto, o filme propõe uma escrita afetiva, memorialística e intrinsecamente incompleta. A carta de Guida não visa elaborar uma teoria sobre a invisibilidade; ela é, em si, um testemunho dessa invisibilidade. Concomitantemente, representa um legado, um traço deixado para trás, uma tentativa de reconexão por meio da palavra, mesmo que tardia.

Esse gesto adquire ainda maior densidade quando compreendido à luz das especificidades da linguagem cinematográfica. O cinema, ao contrário da literatura, não recorre à narração onisciente ou à exposição discursiva explícita. Em *A Vida Invisível*, Aïnouz constrói uma linguagem

⁷ No filme *A vida invisível*, a carta enviada por uma personagem à outra, que é lida somente muitos anos depois, assume um valor simbólico como gesto autoral, representando a expressão da voz e da agência narrativa por meio de um documento pessoal e tardio.

sensorial, na qual o afeto, a imagem e o silêncio ganham proeminência. A ausência da escrita de Eurídice, longe de ser uma perda, é compensada por uma estética que privilegia os corpos, os gestos e os silêncios como formas legítimas de expressão. Assim, a subjetividade feminina é reescrita não pela lógica do discurso racional, mas pela performatividade do afeto e da memória.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o filme desloca a autoria individual para uma concepção de autoria coletiva e sensível. Se o livro de Eurídice, no romance, representa a tentativa de narrar histórias apagadas, o filme de Aïnouz encarna essa proposta por meio da própria linguagem fílmica. A *mise-en-scène* intimista, os planos fechados, a trilha sonora melancólica e os silêncios prolongados operam como dispositivos de escuta e acolhimento de experiências femininas que foram sistematicamente apagadas. A tela, então, converte-se em um espaço de inscrição daquilo que não encontrou lugar na história oficial, como um arquivo sensível do que foi omitido.

Essa perspectiva dialoga com a noção de que a autoria, no contexto da representação do feminino, não precisa estar vinculada exclusivamente à produção textual ou intelectual. O filme propõe uma concepção ampliada de autoria, na qual o ato de resistir, de recordar, de afetar e de sonhar constitui, em si, um gesto político. A carta de Guida, ao ser lida por Eurídice no desfecho do filme, adquire força catártica não apenas por seu conteúdo, mas pelo que simboliza, a possibilidade de, ainda que tardiamente, uma mulher narrar sua história e afirmar a persistência de um afeto que sobreviveu à ausência e ao silenciamento.

Ao mesmo tempo, o contraste entre as duas mídias, literatura e cinema, evidencia tanto os limites quanto as potencialidades de cada linguagem na construção de uma voz feminina. O romance aposta na metalinguagem e no controle narrativo da escrita como formas de agência, enquanto o filme, ao abdicar dessa mediação intelectualizada, privilegia a sensorialidade, a memória e a imagem como caminhos alternativos de expressão. Ambos, porém, convergem na tentativa de tornar visível aquilo que foi historicamente invisibilizado, ou seja, a experiência das mulheres silenciadas pelas engrenagens do patriarcado.

A escolha de Aïnouz por reposicionar a autoria no gesto silencioso de Guida, aliado à estetização melancólica da narrativa, não compromete a potência crítica da adaptação. Ao contrário, amplia-a. O afeto interrompido entre as irmãs, materializado na carta não lida por décadas, converte-se em símbolo de tantas vozes femininas que jamais chegaram a ser ouvidas. O cinema, nesse contexto, não apenas adapta a literatura, ele a radicaliza, ao oferecer à memória feminina um espaço coletivo de inscrição e escuta.

Dessa forma, *A Vida Invisível* propõe uma reflexão complexa sobre autoria, memória e resistência. Entre o livro e o filme, entre a escrita e o corpo, entre o silêncio e a palavra, constrói-se uma rede simbólica que reescreve o feminino para além das formas convencionais. Seja pela letra de um livro jamais publicado, seja pela carta nunca enviada a tempo, seja pela imagem que insiste em permanecer, a narrativa reafirma o gesto de narrar, mesmo que tardiamente, como um ato essencial de sobrevivência e transformação.

Nessa perspectiva, a conclusão da obra inscreve-se em um campo discursivo que ao problematizar autoria, memória e resistência reconfigura o feminino como espaço de enunciação e de disputa simbólica. Essa reflexão encontra um contraponto expressivo na obra subsequente, *Leave Her to Heaven*, na qual a interioridade feminina se constrói sob a lógica da obsessão e da possessividade e desloca a narrativa para territórios de tensão psicológica e degradação afetiva. A transição entre as duas análises não se limita a um contraste temático e evidencia a plasticidade com que o cinema em contextos culturais e históricos distintos mobiliza recursos estéticos e narrativos para representar a mulher ora como sujeito que resiste ao silenciamento ora como figura que encarna as ambiguidades e os perigos de um desejo absoluto.

7. PERSPECTIVAS SOB *LEAVE HER TO HEAVEN*

Dirigido por John M. Stahl, *Amar foi minha ruína* (1945) exemplifica a intersecção entre o melodrama e a psicologia. Baseado no romance de Ben Ames Williams, publicado no ano anterior, a adaptação fílmica explora o contraste entre a beleza visual e a degradação emocional, revelando como a aparente serenidade de paisagens como lagos, montanhas e casas isoladas espelha a instabilidade interna da protagonista, Ellen Berent. A obsessão amorosa de Ellen é o catalisador de uma narrativa marcada por crescente tensão. Essa complexidade psicológica da personagem central eleva o filme de um simples romance para um estudo aprofundado sobre os perigos da possessividade e do amor distorcido.

Na conversão da obra literária para o audiovisual, Stahl não apenas preservou o cerne dramático da obra original, mas o intensificou por meio de recursos visuais e sonoros cuidadosamente elaborados. O contraste entre ambientes aparentemente serenos e a escuridão psicológica de Ellen serve para enfatizar o colapso entre aparência e essência. Enquanto o romance de Williams adota um estilo narrativo contido para descrever a deterioração da personagem, o filme

dramatiza esse processo com imagens de forte impacto emocional, valendo-se do silêncio e da espacialidade para construir uma atmosfera sufocante. Essa estratégia estética ressalta a dissonância entre o exterior luminoso e o interior sombrio de Ellen, potencializando a experiência imersiva e perturbadora do espectador.

A dinâmica entre Ellen e Richard Harland constitui o núcleo de uma narrativa que transcende um simples caso de amor infeliz, configurando-se como um estudo aprofundado sobre o desejo de posse camuflado de afeto. No romance, a transferência do amor de Ellen originalmente direcionado ao pai para o marido é interpretada como um sintoma de um vazio emocional não resolvido. O filme, por sua vez, sugere essa transição com delicadeza, utilizando gestos contidos, olhares prolongados e uma *mise-en-scène* que gradualmente reduz o espaço do outro, culminando no isolamento. Dessa forma, aquilo que se apresenta como devoção manifesta-se, em sua essência, como um mecanismo de controle e de negação da autonomia do outro, evidenciando os contornos opressivos de um amor que se converte em cárcere.

Tanto no texto literário quanto em sua transposição cinematográfica, as paisagens que servem de pano de fundo aos eventos transcendem a função de meros cenários, assumindo um papel simbólico. Como reflexos da psique atormentada da protagonista, as paisagens se revelam encantadoras, porém impenetráveis, funcionando menos como ambientes de liberdade e mais como instrumentos de aprisionamento. A casa à beira do lago, em particular, é o espaço onde Ellen busca criar um universo intocado por interferências externas. Essa representação da natureza reflete a própria mente da protagonista, onde a vastidão do mundo exterior é convertida em um espelho de sua própria reclusão emocional.

A progressiva autodestruição da protagonista tem raízes profundas em uma lógica social que idealiza a mulher como uma figura devotada e dócil, mas que a pune severamente quando ela transgride os limites dessa configuração. O romance de Williams expõe claramente esse paradoxo, onde Ellen é simultaneamente venerada por sua beleza e condenada por sua intensidade. Por sua vez, o filme expressa essa dualidade através da câmera, que ora mostra a personagem com fascínio e ora a prende em enquadramentos que ressaltam seu isolamento do mundo exterior. Não se tratando apenas de uma figura apaixonada, a personagem encarna a implosão de um modelo de feminilidade que não admite contradições internas, questionando as expectativas sociais e os papéis de gênero da época.

Ao utilizar o melodrama como linguagem expressiva, o diretor evita os exageros sentimentais típicos do gênero, optando pela amplificação dos afetos internos. O conflito moral que permeia a narrativa, situado entre amor e obsessão, não é apresentado de maneira dicotômica. Na produção cinematográfica, a ambiguidade surge como elemento central para a compreensão da personagem, que se revela simultaneamente vítima de suas idealizações e agente de consequências irreparáveis. Essa ambivalência configura-a como uma figura profundamente melodramática, não por meio de gestos expansivos, mas pelo peso das expectativas que a oprimem, ressaltando a complexidade de sua subjetividade e a profundidade de seu drama.

A experiência fílmica na adaptação não se edifica apenas pela progressão dos eventos, mas preponderantemente pela atmosfera. A sonoridade rarefeita, os planos estáticos e os silêncios entre os personagens convergem para construir uma tensão que não se resolve em catarse, mas que se acumula até que a tragédia se torne inevitável. No romance, a narrativa se distancia de um julgamento direto, instigando o leitor a percorrer as múltiplas camadas do drama. Contudo, na versão fílmica, embora a figura de Ellen seja representada com maior clareza antagonista, a construção atmosférica mantém uma indeterminação interpretativa, o que favorece a imersão do espectador na progressiva opressão emocional que a personagem exerce sobre seu entorno.

Sob essa perspectiva, a trajetória de Ellen evidencia tanto os efeitos de uma obsessão mal direcionada quanto o fracasso social em compreender o desejo feminino que se recusa a conformar-se às normas estabelecidas. Sua busca por um amor absoluto e por um universo sob controle conduz a personagem a uma ruína que ultrapassa sua condição individual. Trata-se também do colapso da estrutura simbólica que a formou, idealizou e, em seguida, rejeitou. Nesse sentido, a obra vai além de uma história sobre ciúmes ou loucura, apresentando uma crítica clara ao ideal romântico e às suas consequências emocionais e sociais.

7.1. A representação visual do conflito emocional em *Leave Her To Heaven*

A adaptação cinematográfica de *Leave Her to Heaven* destaca-se pela construção visual que enfatiza o contraste entre a beleza exuberante das paisagens e o tormento silencioso da protagonista, Ellen Berent. Diferentemente do romance, cuja narrativa explora a psicologia da personagem em várias camadas, o filme concentra-se na criação de uma atmosfera marcada pela tensão entre aparência e essência. Esse descompasso entre o que é mostrado, imagens de uma

beleza quase idealizada, e o que permanece oculto, conflitos internos e angústia, configura o núcleo simbólico da obra. Essa oposição atua como motor dramático e psicológico, oferecendo uma leitura que transcende o plano visual para aprofundar a complexidade subjetiva da personagem e das dinâmicas emocionais que permeiam a narrativa.

Um dos aspectos mais significativos dessa construção visual reside no uso expressivo do *Technicolor*⁸. As cores vibrantes, que convencionalmente remetem à leveza e à felicidade, são empregadas na adaptação para enfatizar um desconforto emocional latente. Nesse sentido, os tons intensos do lago e das montanhas sugerem um paraíso artificial, um espaço onde a protagonista busca exercer controle absoluto sobre seu entorno. Essa escolha cromática, embora inicialmente transmita uma estética convidativa, intensifica o peso psicológico das sequências, produzindo um efeito ambíguo e perturbador no espectador.

Além disso, o diretor emprega a *mise-en-scène* maneira intencional para representar o desejo de Ellen por controle. Gradualmente, os espaços compartilhados pela protagonista e os demais personagens tornam-se progressivamente mais restritivos e opressivos. A casa à beira do lago, que inicialmente se apresentava como um ambiente acolhedor, transforma-se, com o tempo, em um cenário de isolamento e domínio. O fechamento gradual dos enquadramentos, a disposição dos móveis e a iluminação cuidadosamente elaborada contribuem para intensificar essa sensação de confinamento. Dessa forma, a obra cinematográfica expressa visualmente a progressiva restrição da liberdade dos personagens frente à obsessão avassaladora da protagonista.

Ao comparar com o romance original, observa-se que a narrativa fílmica opta por intensificar os conflitos internos dos personagens por meio de recursos visuais e sonoros. Enquanto no livro as emoções de Ellen são apresentadas com certa sutileza, por meio de descrições e reflexões que apenas sugerem sua instabilidade emocional, a adaptação cinematográfica faz com que esses sentimentos irrompam de forma mais contundente, dispensando, assim, diálogos extensos (ver Fragmento 3). Nesse sentido, a câmera, os silêncios e os gestos assumem um papel fundamental como instrumentos expressivos para revelar o desequilíbrio psicológico da personagem. Essa diferença evidencia, portanto, o potencial singular do cinema para representar a complexidade da psique humana.

⁸ Processo de coloração cinematográfica subtrativo de três cores, introduzido em 1932, notável pela alta saturação e impacto visual, amplamente utilizado em Hollywood e na Grã-Bretanha até os anos 1950 (Street, 2013, p. 44).



Fragmento 4: Cena do filme *Leave Her to Heaven/ Amar foi minha ruína* (1945)

Como resultado, a linguagem visual assume um papel central na construção da atmosfera do filme. As paisagens, ao invés de funcionarem como meros cenários de fundo, transformam-se em extensões vivas do estado emocional das personagens. Em particular, quando uma personagem enfrenta uma crise, o ambiente pode parecer estranhamente calmo ou vazio, o que gera um incômodo sutil. Dessa forma, a harmonia visual revela-se irônica, pois oculta a desordem emocional que borbulha por baixo da superfície. Consequentemente, essa inversão de expectativas implica que o espectador se torne cúmplice de uma angústia silenciosa e crescente, permeando toda a narrativa.

Outro aspecto relevante reside na maneira como a montagem contribui para o efeito de alienação. Nesse sentido, as cenas frequentemente apresentam longa duração, com cortes suaves e transições lentas, o que impede a oferta de um alívio dramático imediato ao espectador. Além disso, essa escolha narrativa elimina possibilidades de catarse, prolongando a tensão e promovendo uma consonância precisa entre forma e conteúdo. Consequentemente, o tempo dilatado das sequências aproxima o público da experiência emocional dos personagens, em especial da protagonista. Dessa forma, a narrativa cinematográfica desloca seu foco do que acontece para como se sente o que acontece.

Além dos elementos visuais, a trilha sonora desempenha papel fundamental ao evidenciar o desequilíbrio entre a aparência encantadora e o drama interno. Embora muitas vezes discreta, a música emerge em momentos pontuais para intensificar a inquietação progressiva. Ademais, em certas sequências, o silêncio assume uma relevância equivalente à do som, contribuindo para destacar o vazio emocional da protagonista. Dessa forma, essa escolha cuidadosa favorece uma

imersão sensorial profunda, na qual cada componente audiovisual atua de maneira integrada para revelar a alienação de Ellen, não apenas como uma dimensão individual, mas também como expressão de um modelo de amor idealizado e opressivo.

Por fim, a adaptação de Stahl evidencia a capacidade do cinema de reinterpretar um texto literário sem comprometer sua essência, ao mesmo tempo em que propicia novas e profundas camadas de leitura. Além disso, ao privilegiar a dimensão estética como um acesso privilegiado ao psicológico, o filme transforma a beleza em uma ameaça latente e converte o romance em uma tragédia silenciosa e implacável. Dessa maneira, o resultado é uma obra visualmente hipnotizante e emocionalmente perturbadora, que utiliza os recursos específicos do meio cinematográfico para ampliar os temas presentes no livro.

7.2. As Contradições da feminilidade em *Leave Her to Heaven*

Ellen Berent, protagonista da obra cinematográfica e literária, representa uma figura feminina enigmática que desafia diretamente as normas de gênero de sua época. Embora o romance já evidencie essa ambiguidade, é na adaptação cinematográfica que tal característica se torna ainda mais marcante, graças aos recursos visuais que ampliam sua dimensão simbólica. Nesse sentido, a personagem transita entre o ideal e o grotesco, simultaneamente admirada por sua beleza e condenada por sua ânsia de controle. Por conseguinte, essa dualidade revela uma crítica implícita aos modelos tradicionais de feminilidade impostos pela sociedade daquele período.

Desde sua primeira aparição na tela, Ellen é retratada de forma quase mítica, com closes que destacam seu rosto sereno e seu olhar penetrante (ver Fragmento 4). A câmera, a princípio, parece encantada, como se captasse a materialização de um ideal romântico. No entanto, à medida que a narrativa avança, esse olhar muda, e a mesma câmera começa a isolá-la em enquadramentos que evidenciam seu distanciamento dos demais personagens. Essa transição do fascínio ao estranhamento reflete de maneira sutil como a sociedade costuma lidar com mulheres que não se encaixam nos papéis tradicionalmente esperados.



Fragmento 4: Cena do filme *Leave Her to Heaven*/ *Amar foi minha ruína* (1945)

Além disso, a adaptação acentua a tensão entre a aparência idealizada da personagem e sua recusa intransigente em se moldar às normas de um afeto submisso. Enquanto o romance oferece uma abordagem mais profunda de suas motivações psicológicas, o filme, por outro lado, opta por sugeri-las por meio de gestos comedidos, expressões sutis e composições visuais mais meticulosas. Dessa forma, a protagonista emerge como uma figura que desafia o papel tradicional da esposa compreensiva e silenciosa. No entanto, sua autonomia emocional, em vez de ser reconhecida como força, é representada de forma inquietante, quase como uma ameaça.

É justamente nesse momento que Ellen se transforma, simbolicamente, de musa idealizada em uma ameaça concreta. Sua inteligência, seu desejo de controle e a recusa em assumir a maternidade idealizada entram em conflito direto com os valores patriarcais de sua época. Enquanto o romance aprofunda essas transgressões por meio da interioridade da personagem, o filme as explicita ao isolá-la progressivamente, até que ela se torne, aos olhos dos demais, quase uma figura monstruosa. Assim, a tensão entre o que Ellen realmente representa e aquilo que se espera dela torna-se, pouco a pouco, insustentável.

Ao mesmo tempo, o filme de John M. Stahl habilmente evita reduzi-la a uma vilã tradicional. A escolha por uma narrativa que valoriza a ambiguidade moral permite que Ellen seja também vista como vítima de um sistema que idealiza mulheres apenas enquanto elas são belas, dóceis e completamente devotadas. Quando Ellen ousa sair desse lugar pré-definido, sua punição é imediata e severa. Sua morte, no desfecho do filme, pode ser interpretada não apenas como consequência direta de seus atos, mas também como símbolo da eliminação de uma figura feminina que ousou contrariar as normas estabelecidas.

Portanto, a adaptação não apenas reforça os arquétipos femininos presentes no romance, como também os questiona profundamente, ao apresentá-los em um processo de colapso. A figura de Ellen revela os limites da feminilidade idealizada, pois sua busca por um amor absoluto, seu desejo inabalável por exclusividade e seu controle emocional são encarados como desvios, e não como direitos legítimos. Dessa forma, o filme se estabelece como um espaço no qual o feminino é vivido como conflito constante, em vez de uma estabilidade reconfortante. A mulher que ama demais e deseja demais acaba sendo implacavelmente empurrada para a marginalidade.

Nesse contexto, podemos afirmar que o filme dialoga com os padrões de representação femininos do cinema clássico de Hollywood e, ao mesmo tempo, os subverte de forma significativa. Embora se apoie na imagem da mulher fatal, o longa-metragem questiona o que realmente leva uma mulher a assumir esse papel. Assim, o drama de Ellen transcende o individual e se torna um drama social. Ela personifica a crise de um modelo que exige perfeição, mas que, paradoxalmente, não aceita a autonomia feminina. Consequentemente, sua ruína representa também a queda de um ideal incapaz de lidar com contradições.

De modo geral, *Amar foi minha ruína* oferece uma leitura inquietante e provocadora da mulher como construção cultural. Por meio da figura de Ellen, o filme evidencia como o feminino é idealizado, mas também constantemente vigiado, exaltado e punido sem piedade. Essa dualidade não apenas gera uma tensão intensa na narrativa, como também reforça sua atualidade, mostrando que a figura feminina permanece um campo de disputa simbólica. A adaptação, longe de atenuar o conflito presente no romance, torna-o ainda mais evidente e perturbador para o espectador.

7.3. O espaço como projeção da psique na Literatura e no Cinema

Em *Leave Her to Heaven* o espaço vai muito além de um simples cenário funcionando como uma extensão direta da psique da protagonista Ellen Berent. Tanto no romance quanto na adaptação cinematográfica os lugares que ela escolhe ou habita revelam muito mais do que meras preferências estéticas. São verdadeiros espelhos do seu intenso desejo por controle do isolamento autoimposto e da busca obsessiva por uma exclusividade afetiva. A casa à beira do lago em especial emerge como o símbolo mais potente dessa projeção emocional marcada pela ambiguidade entre ser um refúgio e simultaneamente um cárcere.

No início da história o ambiente natural é apresentado como um paraíso romântico um local ideal para o casal se reconectar longe das pressões externas. Contudo à medida que Ellen manifesta seu anseio por exclusividade absoluta o que antes era um retiro amoroso gradualmente se transforma em prisão. A casa no lago cercada por paisagens idílicas torna-se o palco onde ela exerce domínio total sobre tudo e todos. Assim o sonho se converte em clausura e o espaço revela a face opressiva de um desejo por perfeição e controle ilimitados.

Enquanto o romance de Ben Ames Williams descreve esses espaços de maneira mais sugestiva e introspectiva o filme opta por uma dramatização intensa. No cinema a paisagem ganha vida por meio da fotografia elaborada do uso expressivo da cor e da composição cuidadosa dos planos. A vastidão imponente do lago os enquadramentos fechados dentro da casa a rigidez aparente da natureza ao redor tudo isso contribui para uma sensação avassaladora de isolamento. O espectador não apenas compreende a solidão de Ellen, mas a sente profundamente através da imersão sensorial proporcionada pelo filme.

Além disso a natureza embora exuberante e convidativa adquire um tom claustrofóbico. Diferentemente da concepção tradicional de ambientes naturais como fontes de liberdade aqui eles paradoxalmente reforçam a reclusão emocional da protagonista. Montanhas imponentes o lago calmo e os bosques fechados funcionam como muralhas invisíveis que separam Ellen do mundo exterior. Essa inversão de expectativas o natural transformado em prisão intensifica o caráter psicológico do espaço neste melodrama de Stahl.

Outro aspecto crucial é a forma como o espaço é manipulado para limitar a presença dos outros personagens. Ellen busca afastar implacavelmente qualquer pessoa que possa ameaçar seu domínio inclusive entes queridos de Richard. Os ambientes são então reconfigurados visual e narrativamente convertendo-se em lugares de exclusão. O espaço físico reflete assim a arquitetura emocional da protagonista marcada por uma negação veemente da alteridade.

O filme também utiliza contrastes espaciais para aprofundar o conflito central entre aparência e verdade. Locais que em teoria deveriam transmitir conforto como o chalé aconchegante o quarto do casal e a varanda com vista para o lago passam a gerar inquietação profunda. Essa ambivalência espacial é essencial para a construção do clima melodramático no qual o que é belo aos olhos revela-se perturbador e ameaçador. A duplicidade do espaço reforça a duplicidade da personagem e da estrutura afetiva que a cerca.

Dessa forma o espaço transcende sua função de ambientar a narrativa tornando-se um personagem silencioso que dialoga constantemente com os conflitos internos e impulsiona a trama. A imersão nas paisagens cuidadosamente filmadas faz com que o espectador sinta quase fisicamente o sufocamento dos personagens. O uso simbólico do espaço é, portanto, central para a experiência emocional do filme intensificando o drama psicológico sem a necessidade de grandes gestos ou diálogos.

Por fim, *Leave Her to Heaven* demonstra de modo brilhante como o cinema pode transformar o espaço em uma linguagem emocional poderosa. A casa o lago e a natureza ao redor não são meros fundos estáticos, mas superfícies sensíveis onde se projetam desejos medos e obsessões. Ao adaptar o romance Stahl compreende e amplia esse aspecto usando o espaço como lente para revelar o interior mais íntimo da protagonista. Assim o cenário torna-se essencial para o funcionamento do melodrama psicológico convertendo paisagens físicas em verdadeiras paisagens da mente.

7.4. Melodrama como crítica e ferramenta de análise fílmica

Ao adaptar o romance *Leave Her to Heaven*, o diretor John M. Stahl utiliza o melodrama não como uma forma exagerada de simplesmente narrar sentimentos, mas como uma estratégia crítica bastante perspicaz. A estrutura melodramática do filme possibilita que temas densos como controle emocional, obsessão amorosa e rígidas normas de gênero sejam abordados de maneira envolvente, sem que a narrativa caia em discursos didáticos óbvios. Nesse sentido, o melodrama não se restringe a um estilo estético e torna-se um recurso narrativo poderoso que amplifica o impacto emocional e simbólico da história. A crítica social se manifesta sutilmente por meio do afeto intensificado e das tensões íntimas que permeiam a trama.

O caso de Ellen Berent ilustra de forma exemplar como o melodrama pode servir para criticar a idealização feminina. Ela é construída meticulosamente com os traços típicos da mulher perfeita bela, elegante e apaixonada de forma avassaladora. Contudo, ao ultrapassar os limites do papel que a sociedade esperava dela, ao desejar demais, controlar demais e amar demais com intensidade sufocante, ela se transforma em uma figura verdadeiramente ameaçadora. O filme, por meio da linguagem melodramática, denuncia esse paradoxo de modo contundente. A intensidade emocional em vez de ser vista como virtude a ser celebrada passa a ser implacavelmente punida.

O melodrama, portanto, funciona como um instrumento afiado para revelar as contradições inerentes ao modelo de feminilidade da época.

Além disso, o excesso emocional inerente ao gênero reflete a própria estrutura social. As situações-limite vividas por Ellen e Richard revelam falhas profundas em ideais tão enraizados como o amor romântico, o casamento e a instituição familiar. Ao exagerar a intensidade dos sentimentos e das situações, o melodrama evidencia o quanto essas instituições são frágeis diante de desejos que escapam ao controle. Assim, o filme utiliza o melodrama para inquietar o espectador profundamente, deslocando afetos em direção a uma crítica simbólica muitas vezes silenciosa, que ressoa por muito tempo após o fim da projeção.

Pela sua estrutura baseada na amplificação dos afetos e nos conflitos morais internalizados, o melodrama é uma ferramenta analítica potente para a análise fílmica. Ele permite observar como as emoções são articuladas esteticamente por meio de elementos como música, enquadramento, iluminação cuidadosa e momentos de silêncio estratégico. Em *Amar foi minha ruína*, por exemplo, a câmera fixa e os longos silêncios não são neutros e sustentam uma atmosfera de tensão emocional crescente que envolve o espectador. A análise melodramática revela assim a complexidade com que esses elementos atuam na composição do sentimento geral do filme.

Outro ponto crucial é que o melodrama oferece acesso privilegiado ao subtexto da obra. Ele permite identificar aquilo que não é dito diretamente pelos personagens ou pela narrativa, mas está presente nas entrelinhas dos gestos, olhares carregados de significado e atmosferas cuidadosamente construídas. Isso é essencial em um filme, onde a protagonista raramente explicita suas intenções com palavras, mas as comunica com uma intensidade visceral por meio de uma linguagem visual riquíssima. A análise melodramática não se limita ao enredo aparente e desvenda a complexa gramática emocional que move todo o filme.

Adicionalmente, o melodrama é um guia valioso para analisar códigos de gênero e dinâmicas de poder em cena. Como o gênero tradicionalmente aborda o sofrimento feminino e os limites da subjetividade, torna-se um campo fértil para estudar como o cinema representa e frequentemente questiona os papéis sociais impostos às mulheres. No caso de Ellen, sua autodestruição pode ser interpretada como uma tragédia pessoal profunda e como sintoma de uma ordem simbólica maior que não acomoda desejos femininos fora da norma estabelecida. A análise melodramática permite interpretar o filme como documento cultural e crítica social afiada.

Em resumo, compreender *Leave Her to Heaven* pela ótica do melodrama não significa reduzi-lo a um mero produto sentimental. Pelo contrário, é reconhecer sua sofisticação estética e seu inegável poder crítico. O gênero ao explorar emoções em excesso e no limite convida a uma reflexão profunda sobre os limites sociais que as moldam. Como forma de análise, o melodrama nos permite observar o cinema em sua capacidade de criar afeto e sentido simultaneamente, e especialmente de transformar um conflito íntimo e pessoal em comentário social contundente e memorável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, observa-se que o melodrama, enquanto matriz estética e narrativa, mantém-se como um campo privilegiado de investigação das relações entre literatura e cinema, revelando-se um gênero dotado de extraordinária capacidade de adaptação e permanência. Ao transitar por diferentes contextos históricos e culturais, o melodrama preserva um núcleo expressivo baseado na tensão entre desejo e restrição, ao mesmo tempo em que se renova pela incorporação de novas demandas estéticas e sociais. Esta flexibilidade, observada nas obras estudadas, demonstra que, mais do que uma forma estática, o gênero opera como um dispositivo crítico e sensível às transformações históricas.

A análise comparativa entre *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* e *Leave Her to Heaven* evidenciou que, embora provenientes de universos culturais e temporais distintos, ambas as obras utilizam o melodrama para expor contradições profundas nas relações de gênero e poder. No romance brasileiro, a opressão feminina se manifesta no entrelaçamento do espaço doméstico e social, construindo uma crítica incisiva à invisibilidade das mulheres em um Brasil patriarcal. Já no romance norte-americano, a obsessão e o controle afetivo desdobram-se em uma atmosfera de suspense psicológico, problematizando o ideal romântico e suas implicações destrutivas.

Observa-se, portanto, que o melodrama atua, nessas narrativas, como mediador entre a esfera íntima e a crítica social, convertendo dramas individuais em representações simbólicas de estruturas opressivas mais amplas. Esse movimento reforça a concepção teórica, discutida por autores como Thomasseau e Huppés, de que o gênero não se limita a suscitar emoções exacerbadas, mas também exerce função política e moral, articulando-se a problemáticas universais e contextuais. Dessa maneira, as obras analisadas reafirmam que a permanência do melodrama

decorre, em grande parte, de sua habilidade em simultaneamente preservar convenções e subvertê-las.

Sob esse viés, torna-se evidente que a transposição intersemiótica não consiste em mera reprodução formal do texto literário, mas em um processo interpretativo que mobiliza recursos próprios de cada linguagem. A adaptação cinematográfica, ao dialogar com o texto-fonte, reconfigura o melodrama, explorando as potencialidades da imagem, do som e do ritmo narrativo para intensificar sua carga expressiva. Tal operação confirma que a análise interartes não deve restringir-se a critérios de fidelidade, mas reconhecer a autonomia estética das produções adaptadas, valorizando as escolhas criativas que redefinem o alcance e a recepção da obra.

Desse modo, o estudo aqui desenvolvido contribui para compreender o melodrama como uma forma estética dotada de resiliência e pertinência crítica, cuja circulação entre literatura e cinema permite investigar tanto a continuidade de matrizes narrativas quanto as transformações operadas por novos contextos de produção. A leitura comparativa evidencia que, mesmo quando distantes em tempo e espaço, obras melodramáticas compartilham uma mesma lógica de construção simbólica, ainda que modulada por especificidades culturais. Tal constatação fortalece a noção de que o gênero constitui um espaço de diálogo transnacional e atemporal.

Por fim, reafirma-se que o melodrama, longe de se esgotar em um sentimentalismo simplista, permanece como instrumento de reflexão estética e sociocultural, capaz de articular emoção e crítica em igual medida. A partir do corpus estudado, percebe-se que o gênero continua a oferecer subsídios valiosos para o debate contemporâneo sobre as relações de gênero, as dinâmicas de poder e a representação das subjetividades. Assim, a investigação reforça a importância de se manter o olhar analítico sobre o melodrama em suas múltiplas manifestações, reconhecendo-o como um espaço expressivo que resiste, se reinventa e dialoga de forma contínua com o presente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

BARIĆ, Tea. **The Representations of Femme Fatale in Literature and Movies: a Feminist Phenomenon or a Sexual Object?**. 2017. Tese de Doutorado. Josip Juraj Strossmayer University of Osijek. Faculty of Humanities and Social Sciences.

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Priscila Pereira; DIAS, Carlos Alberto. DIREITO E SEXUALIDADE: EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA AO LONGO DO SÉCULO XX. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 22, n. 1, 2011.

FLUECKIGER, Barbara. Color and subjectivity in film. In: **Subjectivity across Media**. Routledge, 2016. p. 145-161.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GAUDREAULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora da UnB, 2009.

HUPPES, Ivete. **Melodrama: O gênero e sua permanência**. 1. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e realidade**, v. 33, n. 01, p. 81-97, 2008.

LOPES, Denilson. Cinema e gênero. **MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, p. 379-393, 2006.

LUDWIG, Paula Fernanda. **Como se cria um vilão? Rumores e intrigas entre teatro e literatura do melodrama à dramaturgia brasileira no século XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, Santa Maria, 2012.

MACHADO, Gabriella Gonçalves. **Mulheres de vida invisível e o sacrifício de si por “amor”: uma análise da obra A Vida Invisível de Eurídice Gusmão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). UFU, Uberlândia, 2023.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. editora Cultrix, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PÉREZ, Francisco Javier Sánchez-Verdejo; BARRIENTOS-BÁEZ, Almudena; DOMÍNGUEZ, David Caldevilla. El mito de la femme fatale: El paso de la literatura al cine, o la subyugación irremediable del hombre. In: **Unidos por la comunicación: Libro de Actas del Congreso Internacional Latina de Comunicación Social 2020**. Historia de los Sistemas Informativos (HISIN), 2020. p. 294.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SALVATORE, D'Onofrio. **Forma e sentido do texto literário**. Ática, 2007.

STREET, Sarah. “Consciência das cores”: Natalie Kalmus e o technicolor na Grã-Bretanha. **Revista Laika**, v. 2, n. 3, p. 42-79, 2013.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Tradução de Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VANOYE, Francis & GOILOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 2002. 2ª edição.

XAVIER, Ismail. Melodrama ou a sedução da moral negociada. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 57, n. 1, p. 81-90, 2000.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

A VIDA INVISÍVEL. Direção: Karim Aïnouz. Produção: Canal Brasil; Pola PandoraFilmproduktions; RT Features; Sony Pictures. Brasil; Alemanha: Globo Filmes, 2019. (139 minutos).

LEAVE HER TO HEAVEN. Direção: John M. Stahl. Produção: William A. Bacher; Darryl F. Zanuck. Estados Unidos: Twentieth Century-Fox Film Corp., 1945. (110 minutos).